

OLISIP

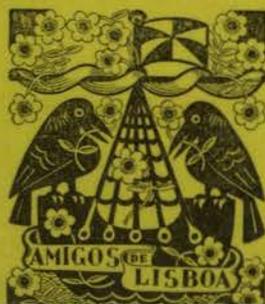
BOLETIM DO
GRUPO

"AMIGOS DE
LISBOA"



ANO VIII
N.º 29

JANEIRO
1945



COURAÇA

TORNA OS DENTES BONITOS



A
LIVRARIA BERTRAND

acaba de publicar uma obra primorosa consagrada
à nossa cidade :

SUA GRAÇA É LISBOA

do brilhante cronista lisboeta do «Diário de Notícias»
BOURBON E MENESES

ilustrada com desenhos à pena por
ARAM STÉPHAN

São 26 trechos da vida de Lisboa, da «sua graça», do encanto das suas manhãs luminosas, das tardes suaves à beira do rio, dos esplendores do céu, das memórias do passado, de casas e de homens que já não existem — 26 evocações escritas na lingua pura, subtil e terna dum jornalista que, como ninguém, sabe sentir e dizer da beleza da sua cidade, da sua aldeia natal olisiponense; e 26 imagens desenhadas pela arte fina, penetrante, compreensiva dum diplomata estrangeiro que estando em funções em Lisboa há três anos, ama esta terra de sol, de pitoresco, de luz — esta terra querida dos artistas e dos poetas —.

A LIVRARIA BERTRAND deu a essa edição todos os seus cuidados, realizando uma obra que nenhum Lisboeta verdadeiro pode deixar de ter na sua biblioteca, como lembrança perpétua, como um retrato vivo, alegre e cheio de ternura, como uma verdadeira jóia da edição portuguesa.

A edição vulgar, em papel *vergé*, com as ilustrações em dois tons, custa, brochado. Esc. 25.000.

Fez-se uma tiragem especial de 200 exemplares, (mais 20 fora do mercado), numerados de 1 a 200 e rubricados pelo autor e pelo ilustrador, br. Esc. 50.000.

JOAQUIM FERREIRA DE CARVALHO

Construtor civil inscrito na Câmara Municipal de Lisboa, n.º 122, e Câmara Municipal de Oeiras, n.º 33

Construções de propriedades por administração e empreitada
Projectos e orçamentos
Levantamentos de plantas topográficas // Trabalhos em cimento armado e construções em blocos de cimento

Pinturas de fachadas e tabuletas
Decorações, Parquets e Lambris
Armações de estabelecimentos em todos os géneros

VENDA E AVALIAÇÃO DE PROPRIEDADES, ETC., ETC.

Rua dos Lusíadas, 107—LISBOA—Telefone 81-037

AO PEDIR

ÁGUA MINERAL

PEÇA



LEVE, ESTOMACAL, LÍMPIDA

Efeitos imediatos na digestão

A' venda em tôda a parte

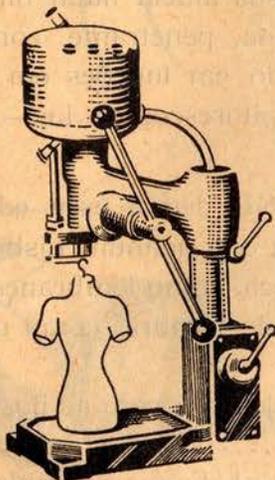
IDRODIFUZOR AUTOMÁTICO DE FACTOR DUPLO

para limpeza e vaporização dos fatos

exclusivo da

Indeformável
«Cora»

A distinção de um fato reside no seu alinhamento geral que sómente se consegue quando limpo e passado sobre bustos de alumínio do nosso



HIDRODIFUZOR

ANGELO SOARES

Rua da Prata, 156 s/l

LISBOA

EM 1945

celebra-se o centenário de nascimento do escritor

Joaquim Pedro OLIVEIRA MARTINS

A Parceria António Maria Pereira, editora das obras de Oliveira Martins, comemora êsse centenário com a publicação de dois livros notáveis:

«O Socialismo e a Monarquia»
(Oliveira Martins e a «Vida Nova») por Francisco d'Assis Oliveira Martins (sobrinho de J. P. Oliveira Martins)

e

Colectânea de artigos dispersos de J. P. Oliveira Martins,
organizada por F. A. Oliveira Martins.

Empreza Insulana de Navegação

CARREIRAS REGULARES ENTRE
Lisboa, Madeira e Açores

Escalas e datas das saídas dos vapores:

Em 8 de cada mês para: Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa, (Santa Cruz), S. Jorge (Calheta), Lages do Pico e Faial.

Em 23 de cada mês para: Madeira, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Praia) S. Jorge (Velas), Cais do Pico, Faial, Côrvo e Faial (Lages e Santa Cruz).

A escala da Ilha do Côrvo só se efectua nos meses de Maio, Junho, Julho, Agosto e Outubro, tocando também o vapor naquele pôrto no mês de Fevereiro só para troca de correspondência e serviço de passageiros

AGENTES:

GERMANO SERRÃO ARNAUD

Avenida 24 de Julho, 2, 2.º D.

LISBOA

Telefone 2 0214

Na Madeira

Em Ponta Delgada

BLANDY BROTHERS & C.º

BENSAUDE & C.ª

ANTIGA CASA FIGUEIREDO

FUNDADA EM 1864, NA RUA BELA DA RAINHA,

HOJE, RUA DA PRATA, 215 - 217

EM LISBOA

TELEFONE 27606

CASA ESPECIALIZADA NA FABRICAÇÃO DE

COLCHÕES DE ARAME
COLCHÕES DE SUMAUMA DE JAVA
COLCHÕES DE LA
COLCHÕES DE CRINA ANIMAL
COLCHÕES DE LA E CRINA (MIXTOS)
COLCHÕES DE CORTIÇA
COLCHÕES DE FOLHELHO

SÓMENTE FABRICAÇÃO DE PRIMEIRA QUALIDADE,
COM OS MELHORES PANOS PARA CAMAS DE
TODOS OS ESTILOS E DIMENSÕES

DIVANS — CAMAS — ALMOFADAS DE PENAS.
TUDO PARA CAMPISMO: CAMAS, MESAS, CADEIRAS E BAN-
COS ARTICULADOS — TENDAS — MOCHILAS — LAVATORIOS,
BALDES, BANHEIRAS E CHUVEIROS DE LONA — COLCHÕES POR-
TÁTEIS — SACOS DE DORMIR — BORNAIS — LANTERNAS — CANTIS
Facas de mato, talheres e todo o material portátil para praticar campismo

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

S. A. R. L.

Capital: 80.000.000\$00 ◊ Fundos de Reserva: 64.800.000\$00

SEDE: 95, Rua do Comércio, 119 — LISBOA

Filiais — Pôrto, Coimbra, Braga, Faro e Covilhã.

Agências — Abrantes, Estoril, Gouveia, S. João da Madeira, Santarém, Tôres Novas, Mangualde, Tôres Vedros, Tortozendo, Moura, Figueiró dos Vinhos, Matozinhos e Olhão

Dependências urbanas (LISBOA) — Alcântara, Almirante Reis, Benfica, Conde Barão e
..... Poço do Bispo

EFFECTUA TÔDAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

JOÃO DE BRITO, LDA,

FUNDADA EM 1836 ~ Rua dos Arameiros, 11 — LISBOA

Agentes gerais em Portugal e Colónias
das Companhias Inglesas de Seguros

SCOTTISH UNION & NATIONAL INSURANCE C.^o
THE MOTOR UNION

Seguros contra incêndio, seguros industriais e
agrícolas, seguros marítimos, seguros de guerra,
seguros de automóveis, Responsabilidade Civil, etc.

Telef.: 2 1327 — 2 1328 — Estado n.º 345

Teleg.: Rito

ÂNGELO G. RAMALHEIRA

— ENGENHEIRO CIVIL —

~
CONSTRUÇÕES
PROJECTOS DE ESTABILIDADE
BETÃO ARMADO
~

Rua da Madalena, 211-3.º — LISBOA

TELEFONES 2 8933 — 5 1556



ROMÃO & COMP.ª

ANTIQUÁRIOS

47-R. D. Pedro V-51

Artur Rourigues Maia

Oficina e escritório:

RUA PARTICULAR, 2, À CAÍADA DA QUINTINHA, PORTA 4

LISBOA

Tapêtes Arraiolos

Uma marca portuguesa
sempre muito apreciada.



Q U I N T Ã O
apresenta sempre uma
grande colecção

32, RUA IVENS

Tapêtes e Carpetes

Estão na ordem do dia.
«Beiriz» é uma grande
marca apresentada pela
CASA QUINTÃO
há vinte e cinco anos,
sempre com progressos.

Q U I N T Ã O

32, Rua Ivens — Telef. 26064

Móveis de Arte

Procure

no

Q U I N T Ã O
tudo o que precise.



32, RUA IVENS

==== PÉROLA DO ROCIO, LDA. =====

ENVIO DE ENCOMENDAS

Para todo o País e Estrangeiro

Casa especializada em Chá,
Café, Bolachas, Bombons,
e Chocolates

Rocio, 105-Lisboa

Telefone 20744

OLISIPO

DIRECTOR: MATOS SEQUEIRA

EDITOR: FRANCISCO VALENÇA

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

— REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA GARRETT, 62, 2.º — TELEFONE 25711 —
COMP. E IMP. NA «EDITORIAL IMPÉRIO, LIMITADA»-R. DO SALITRE, 153-TELEF. 53173-LISBOA

SUMARIO

- AS SETE COLINAS DE LISBOA
pelo *Eng. A. Vieira da Silva.*
- UMA ALFAMA NOVA
por *Norberto de Araújo.*
- UM CONSUL DA RÚSSIA EM LISBOA
por *J. M. Cordeiro de Sousa.*
- RELAÇÃO DAS CASAS FOREIRAS, EM 1539, A IGREJA DE
S. CRISTÓVÃO (Conclusão)
por *Ferreira de Andrade.*
- UM SONETO DE LUÍS DE ARAÚJO
Extraído do *Novo Almocreve das Petas, 1872.*
- ACÇÃO CULTURAL DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA», DU-
RANTE O ANO DE 1944.
- AMIGOS DE LISBOA (LISTA DOS SÓCIOS APROVADOS DU-
RANTE O ANO DE 1944).



DISTRIBUIÇÃO GRATUITA A TODOS OS SÓCIOS
OS ARTIGOS AQUI PUBLICADOS SÃO DE EXCLUSIVA RESPONSABILIDADE DOS SEUS AUTORES

As sete colinas de Lisboa

pele Eng. A. VIEIRA DA SILVA

Os nossos escritores dos séculos XVI e XVII, no empenho de enaltecerem as belezas da cidade de Lisboa, e de compará-la com a capital do grande império romano, chegando a classificá-la *augusta émula de Roma*, imaginaram-na assente sobre uma série de montes ou colinas, pelas quais distribuíram as freguesias da cidade.

Em consequência da forma estreita e alongada que naqueles séculos a região povoada e considerada cidade apresentava desde as Portas da Cruz (sítio do Arsenal do Exército) até Santos-o-Velho, e que por Damião de Góis foi comparada, vista de Almada, com uma bexiga de peixe (*vesica piscis*), sobressaíam na margem norte do rio Tejo sucessivas pequenas elevações de terreno, separadas por vales bastante estreitos, exceptuado o vale da Baixa, e sem cursos de água permanentes, as quais, apesar da sua pequena cota, eram chamadas *montes* ou *colinas*, pelos escritores dos referidos séculos.

A classificação e descrição dos montes foi feita, por aqueles escritores, mais pelo aspecto que se disfrutava do Tejo, do que pela sua rigorosa disposição orográfica.

As encostas dos montes ou colinas espraíavam-se suavemente até ao Tejo, do lado sul, nas praias ou terrenos marginaes do rio, e apenas 4 pequenas alturas: os montes das Chagas (cota, 45^m,67), de S.^{ta} Catarina (cota 45^m,0) e os do antigo Hotel Bragança (Cota 45^m, *escritórios das Companhias Reünidas Gás e Electricidade*) e do antigo palácio do Conde da Ribeira (cota, 20^m, *Federação Nacional da Alegria no Trabalho*) se enguiam sobranceiros e abruptos sobre a parte marginal da cidade. Dos citados pelos autores antigos só fazia excepção o monte de Sant'Ana, cujo sopé, do lado sul, ficava bastante afastado da margem fluvial.

Para o norte os montes prolongavam-se por territórios escassamente povoados, com cotas mais elevadas, mas isso não interessava

aos panegiristas da cidade, que se contentavam apenas, para o seu efeito, com a parte urbanizada das colinas que êles consideravam.

O primeiro escritor que se lembrou de descrever os montes de Lisboa, foi, no século XVI, Cristóvão Rodrigues de Oliveira ⁽¹⁾, que contava apenas 4 montes: Chagas e S. Roque, Sant'Ana, N. S.^a do Monte, N. S.^a da Graça e S. Vicente.

Damião de Góis, na sua descrição de Lisboa ⁽²⁾, diz que a cidade assentava sôbre 5 colinas, e fazendo-a começar no Paço Velho de Santos (*palácio da Legação de França*), nêle situa o 1.^o monte de Lisboa. Seguem-se-lhe os montes de: S. Roque, Sant'Ana, N. S.^a do Monte e N. S.^a da Graça, Castelo (*que menciona isoladamente noutro ponto da sua descrição*).

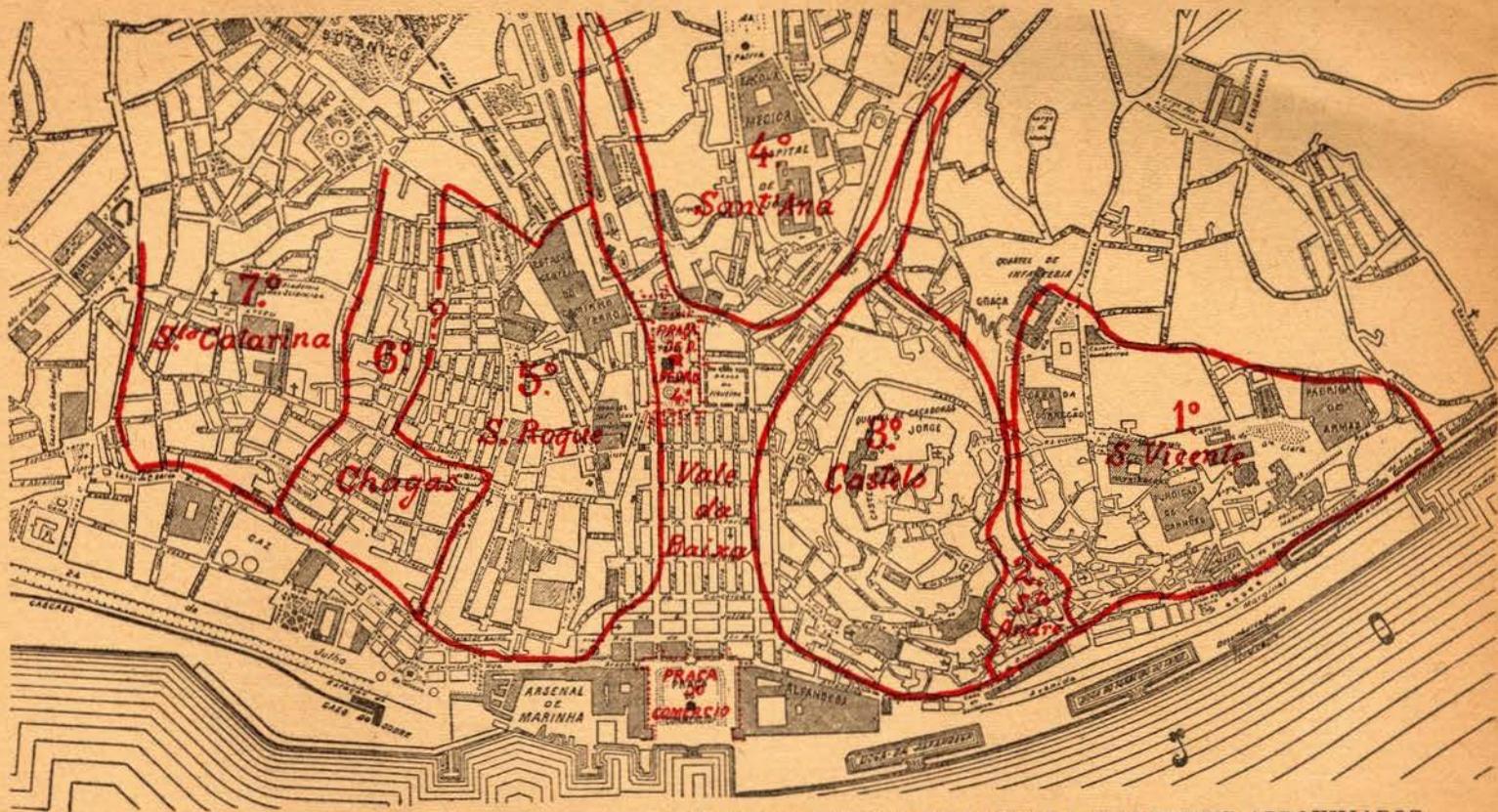
A êstes dois escritores do século XVI seguiu-se, no immediato, Fr. Nicolau de Oliveira ⁽³⁾, que na encomiástica descrição que fêz de Lisboa, para estabelecer o paralelo da cidade com Roma, descobriu mais 2 montes, ou, melhor, fêz uma distribuição das freguesias de Lisboa por 7 montes (*e pelo vale da Baixa*), e nela se originou a lenda das 7 colinas de Lisboa, que tem perdurado até ao presente, na literatura e nos cantos populares, apesar de desde então se ter Lisboa consideravelmente ampliado, e de serem muito mais numerosas as elevações de terreno do género das que êle chamava montes ou colinas, contidas dentro do recinto da cidade.

A distribuição dos montes feita por Frei Nicolau não só não assenta em bases precisas, mas os seus limites ficavam, em geral, mal definidos; umas vezes fazia-os passar pelos córregos dos vales que separam as pequenas colinas que apresenta a região por onde se estendia a cidade de Lisboa no seu tempo; e outras vezes fá-los passar pelas linhas das cumiadas, e até por linhas a meia encosta das colinas!

⁽¹⁾ *Summario, etc.*, 2.^a ed., 1755, págs. 120 e 121.

⁽²⁾ *Urbis Olisiponis Descriptio*, tradução de Raúl Machado, 1937, págs. 36, 40 e 41.

⁽³⁾ *Livro de Grandezas de Lisboa*, 1.^a ed., 1620, fls. 60 e 63 v.



FRAGMENTO DA PLANTA DE LISBOA, TENDO MARCADOS A TINTA ENCARNADA OS LIMITES APROXIMADOS DAS 7 COLINAS, DEFINIDOS PELOS ESCRITORES SEISCENTISTAS — ESCALA 1:15000

A divisão topográfica dos montes, como êle a encarava, é portanto bastante fantasista e arbitrária, mas não deixa de ser curiosa. Como Frei Nicolau a deixou pouco definida e um tanto confusa, vamos aqui explicar como se pode interpretar a mencionada divisão, amotando-a com observações nossas, para actualizar as referências e a tornar melhor compreensível.

A distribuição, feita por Fr. Nicolau, de 34 freguesias de Lisboa pelos 7 montes e pelo vale da Baixa, também era bastante imprecisa, porque elas não correspondiam aos limites assinados aos montes, e muitas freguesias se estendiam por mais dum monte.

A divisão dos montes de Frei Nicolau de Oliveira foi adoptada e transcrita quasi textualmente pelo P.^o A. Carvalho da Costa, na sua *Corografia Portuguesa*, e por outros autores ⁽¹⁾.

Passando a tratar de cada monte, transcreveremos primeiro a descrição que dêle faz Fr. Nicolau, e comentá-la-emos em seguida, explicando-a, e completando-a, quanto possível.

1.^o MONTE — DE S. VICENTE-DE-FORA

«Começa-se êste monte a levantar da parte do Oriente do «Illustre Mosteiro de Sancta Clara, e sobe té São Vicente e se acaba «em Nossa Senhora da Graça, onde se acaba tambem o muro da Cidade e d'alli dece pera a parte do meo dia por Sancto André, e daqui «pello Salvador abaixo (*pela Rua da Regueira e Beco do Mexias*), vay «fenecer no chafariz dos cavallos (*de Dentro*), em tam grande distancia, que ficão dentro deste monte seis freguesias, e não pequenas, ...As «quais são Sancta Engracia fora dos muros, e da parte de dentro São «Vicente, Sancta Marinha, Sancto André, o Salvador, e Sancto Estevão».

O convento de S. Vicente, que dava o nome ao monte, ficava ao centro desta área (cota, 63^m,55), e o ponto mais alto era o Largo da Graça (cota, 85^m,11).

(1) Tômo III, 1712, págs. 339 a 341. — João Baptista de Castro, *Mappa de Portugal*, vol. III, 1763, pág. 54. — J. J. Ventura da Silva, *Descrição Topographica da Nobilissima Cidade de Lisboa*, 1835, pág. 6. — etc.

O limite ocidental do monte está claramente definido pelo frade, mas o oriental deduz-se da sua descrição, devendo começar no Largo da Graça, e seguir aproximadamente a Rua da Verónica, a Travessa do Rosário, a Rua de Entre-Muros do Mirante e o trôço inferior da Rua do Vale de S.^{to} António, terminando junto ao actual marco fontenário que substituiu a Bica do Sapato, que aí existia. O limite sul era a margem do Tejo, desde esta Bica até ao Chafariz de Dentro.

Frei Nicolau não incluiu neste recinto de S. Vicente o *monte alto de íngreme ladeira* de N. S.^a do Monte, talvez porque não o considerasse pertencente à cidade, ao contrário do que admitia Damião de Góis, que o considerava o 4.^o

2.^o MONTE — DE S.^{to} ANDRÉ

«A mão esquerda dêste monte (o 1.^o) em respeito do Occidente, «se vay levantando outro môte (que sobe do mesmo sitio, em que o «acima fenece) té o postigo de Sancto André, e costeando o pee do «Castello pella parte do Oriente vem a se acabar junto ao chafariz «d'el-Rey, e como este he mais pequeno não o occupaõ mais de tres «freguesias, que estão postas, e lançadas por suas fraldas e ladeiras, «ficando-lhe da parte do Oriente a freguesia de São Miguel, e da parte «do Occidente São Pedro, ficandolhe mais acima, e quasi no cume, a «freguesia de São Thomé».

O ponto mais elevado dêste monte era o sítio das Portas de S.^{to} André (cota 57^m,98), denominação agiológica com que o P.^e Carvalho da Costa baptizou o monte, pois que Fr. Nicolau deixou-o inominado.

O seu limite oriental foi já descrito no 1.^o monte; o ocidental, começando no sítio do desaparecido Arco de S.^{to} André, seguia pelo *pé do Castelo*, isto é, pela actual Rua do Infante D. Henrique e pela Calçada de S. João da Praça, até ao Chafariz de El-rei.

Ao sul, desde o chafariz de Dentro até ao de El-Rei, limitava-o o Tejo.

Subindo ao miradouro de S.^{ta} Luzia, ou examinando uma planta cotada de Lisboa, nota-se que foi preciso muito engenho para formar

um monte, com um vale e com as vertentes dos montes do Castelo e de S. Vicente, que o ladeiam alargando-se e espraiando-se até ao Tejo. E os escritores seguintes, sem notarem a falsidade da descrição, têm feito correr esta falsa noção do monte durante mais de três séculos!

3.º MONTE — DO CASTELO

«O terceiro monte he o mais alto entre todos, em que está hum «fortissimo Castello, cujo cume parece que cortou a natureza ao picão, «ficando todo em redondo muy alto, e a modo de terrepleno fortissimo, fortalecido de muy altos muros, e torres. Este monte começa «da parte do Oriente da porta de Sancto André, e vem sempre como «cortado ao picão da parte do Oriente, continuando o valle, que o «divide do segundo monte, té dar junto ao chafariz d'el-Rey, e daqui «vay fazendo hum muy grande circulo com suas fraldas, que será de «quasi mea legoa, té tornar a dar no mesmo postigo de Sancto André, «povoando as freguesias seguintes. Sancta Cruz no Castello, São Bartholameu, Sanctiago, São Martinho, São Jorge, São João da praça, a «See, a Magdalena, São Mamede, São Christovão, São Lourenço, e muy «grande parte da freguesia de S. Sebastião da Mouraria (*Socorro*)».

O sítio mais alto dêste monte era o Castelo de S. Jorge (cota 93^m, aproximadamente), e o seu limite sul era a faixa marginal do Tejo que vai desde o chafariz de El-rei até ao sítio da desaparecida Ermida de S. Sebastião da Padaria, nas costas da capela-mor da actual Igreja da Conceição Velha.

O limite do lado oriental está já descrito (é o ocidental do 2.º monte), e o do norte e ocidental infere-se dos termos da descrição, e pode especificar-se melhor pelas seguintes vias públicas:

Calçada de S.º André, Rua dos Cavaleiros, Rua da Mouraria, Rua do Arco do Marquês de Alegrete, Poço do Borratém, e daqui em diante, para o sul, por uma série de ruas que existiam antes do terremoto de 1755, e que estão hoje substituídas aproximadamente pelo trôço médio da Rua da Prata.

Êste monte está de facto inteiramente ligado com o anterior, e o seu conjunto fica separado do 1.º monte, de S. Vicente, pelas ruas

do Salvador e da Regueira, que formam a natural separação dos montes.

4.º MONTE — DE SANTA'ANA

«Entre este monte (*do Castelo*) e o de São Roque seu opposto, «fica quasi em triangulo hum monte alto, que se chama o monte de «Sancta Anna, por estar no mais alto delle hum Mosteiro de Reli- «giasas Franciscanas com o titulo da mesma Sancta, e este he o «quanto monte em ordem. Cortam este monte dois valles muy com- «pridos, hum pella parte do Oriente, e outro pella do Occidente... «ficando no meo o monte de Sancta Ana com hũa freguesia (*de Sant'Ana, «hoje da Pena*). O primeiro destes valles, que he o que fica da parte do «Oriente, vay cingindo o monte com fresquissimas hortas, (*vale da Mou- «raria ou de S. Jordão*) e muy grande casaria, por estar povoado da fre- «guesia dos Anjos, onde se acaba, e mais de a metade da freguesia de São «Sebastião da mouraria (*Socorro*). O segundo vale (*de Andalus, de «S.º Antão ou da Anunciada*) que cinge este monte de Sancta Anna, «e lhe fica da parte do Occidente se acaba em São Sebastião da pe- «dreira, que terá um quanto de legoa de comprido, povoado sempre «de hũa parte de muy grandes, e nobres casas (*as das Ruas Eugenio «dos Santos e Alves Correia*), e da outra de fertilissimas hortas (*no «vale da Avenida da Liberdade*). Occupa este vale a freguesia de S. Jo- «seph, e grande parte da freguesia de São Sebastião da Pedreira».

Os dois vales a que Fr. Nicolau se refere espraíam-se muito para o norte, chegando a ligar-se na altura da Avenida Duque de Ávila (cota, 83^m) e Rua Rovisco Pais (cota, 88^m), região então quasi despovoada.

Os córregos dos vales que ladeiam o monte de Santa'Ana seguiam aproximadamente os trajectos das actuais vias públicas que sôbre êles, ou ao lado dêles se abriram.

As do lado occidental eram as seguintes:

Rua de S. Sebastião da Pedreira, Rua de S.^{ta} Marta, Rua Alves Correia, Rua Eugénio dos Santos.

O córrego do vale oriental é definido aproximadamente pelas seguintes vias públicas:

Rua António Pedro, Regueirão dos Anjos, Rua do Bemformoso, Rua dos Canos.

A ermida que deu o nome ao monte (cota, 59^m,79) estava situada na sua linha de cumiada, e a encosta que dela descia até as actuais Ruas Alves Correia e Eugénio dos Santos, era, no século XVI, povoada de *um olival tão denso, que a vista mal pode penetrar lá dentro* (!), na apreciação de Damião de Góis.

VALE DA BAIXA

«...outro valle muy largo, que fica entre o monte do Castello, e o de São Roque, e neste se faz hum fermossimo rocio, que terá «de largo cento, e cincoenta passos, e de comprido quinhêtos (1), em «cujo topo da parte Septentrional está hũa fermosissima fonte com «quatro bicas (*chafariz do Rossio ou do Neptuno*), e occupaõ este valle «a freguesia da Concepção, a de Saõ Iuliaõ, a freguesia de Saõ Nicolao, «e a de Sancta Iusta».

A parte urbanizada do vale de que êste rossio faz parte é limitada pelo sopé dos montes que a cercam por 3 lados. Do oriental já mencionamos os limites ao tratar do 3.º monte; do norte ficavam as vias públicas que hoje se chamam Rua Barros Queirós, Largo de S. Domingos e Rua do Jardim do Regedor; no lado occidental havia uma série de ruas, que Fr. Nicolau menciona ao tratar do 5.º monte, e que seguiam, em curva muito aberta, desde a actual Rua 1.º de Dezembro, pelo trôço médio da Rua do Ouro, até ao Largo do Pelourinho.

5.º MONTE — DE S. ROQUE

«O quinto monte em que está situada esta Cidade, he o de São «Roque, opposto ao do Castello da parte Occidental, inda que não tam «alto, como o do mesmo Castello (sendo-o muito em sim). Este se «começa a levãtar defronte da porta do Ouro (*perto do sitio da actual «porta do Arsenal da Marinha*), e correndo junto do valle, que entre elle,

(1) Estes números são inverosímeis, pois que se o primeiro dá para comprimento do passo 0^m,59, o segundo dá 0^m,43, aproximadamente!

«e o do Castello fica entreposto (*a nossa Baixa, que se acaba de descrever*), pellas fangas da farinha (*Largo de S. Julião, aproximadamente*), vay atravessando a rua dos fornos e a dos sombreiros que «está junto ao Anjo té a Caldeiraria (*troço norte da Rua Aurea*), e «dali por Valverde (*Rua Primeiro de Dezembro*) e pee das casas de «Dom Estevão de Pharo, que agora (1620) he Conde de Pharo (*sítio «do demolido palácio do Duque de Cadaval, occupado hoje com a parte «sul da estação dos Caminhos de Ferro do Rossio*), atravessa as casas «de Dom Francisco de Pharo té a calçada de nossa Senhora da Gloria «(*Calçada da Glória*), e por ella acima a S. Roque; daqui, despois de «aver feito hum grãde bairro, qual he o que chamamos de São Roque, «vay descendo e fazendo hum estreito valle té o mar, onde se mete. «Occupá este monte muy grande parte da freguesia de S. Iulião e de «Sancta Iusta, e de S. Ioseph, de S. Niolao, a freguesia dos Martyres, «a da Trindade, a do Loreto e muy grande parte da freguesia de «S. Paulo».

O *estreito valle* por onde desce o monte até ao mar, e que define o seu limite occidental, deve ser o que começa na Praça de Luiz de Camões, atravessa o Largo do Barão de Quintela, e segue pela Rua das Flores, em cuja base termina.

O autor designa por *grande bairro* ou de *S. Roque* o nosso Bairro Alto, limitado, como se sabe, pelas actuaes vias públicas seguintes:

A nascente: Rua da Misericórdia, Largo Trindade Coelho, Rua de S. Pedro de Alcântara,

Ao norte: Rua de D. Pedro 5.º,

Ao poente: Rua de O Século,

Ao sul: Largo do Calhariz, Rua do Loreto, Praça de Luiz de Camões.

Mas também o faz compartilhar pelo monte seguinte, das Chagas, sendo-nos portanto impossível definir a linha divisória que no Bairro êle attribua a cada um dos montes.

6.º MONTE — DAS CHAGAS

«Da parte direita, que fica ao Occidente, onde se acaba este «monte (*de S. Roque*), se começa a levantar o sexto monte alto, chamado das chagas por hũa Igreja, que nelle edificárão os mareantes «da carreira da India, com titulo e invocação das chagas, ...e além «desta Igreja está este monte occupado com parte de tres freguesias, «que são a mayor parte da freguesia do Loreto (*Encarnação*), parte «da freguesia de Sancta Catherina, e parte da freguesia de S. Paulo».

O templo que deu o nome ao monte fica situado no ponto mais alto do que Fr. Nicolau considerava *monte* (cota, 45^m,67).

O seu limite oriental era, naturalmente, o occidental do monte antecedente, de S. Roque, já descrito; e o occidental era a Rua da Bica de Duarte Belo, onde trabalha o elevador chamado *da Bica*.

Ao sul o monte cai abruptamente sôbre quintais e casas da Rua de S. Paulo; o seu limite norte, porém, não é mencionado por Fr. Nicolau, nem é possível defini-lo.

No tempo em que Fr. Nicolau escrevia (1620), ainda não existia a freguesia das Mercês, que em 1632 foi constituída com território das freguesias de S.^{ta} Catarina e do Loreto (*Encarnação*). A última pertencia todo o Bairro Alto, que o autor faz figurar no monte antecedente, de S. Roque.

Mas o mesmo frade diz-nos que neste monte das Chagas estava a maior parte da freguesia do Loreto, parte esta que era occupada com ruas do Bairro Alto, e ficamos assim sem saber onde é que Fr. Nicolau imaginava passar no Bairro Alto a linha divisória dos dois montes, ou se o considerava situado apenas no monte de S. Roque, como êle disse ao tratar dêsse monte.

O monte das Chagas, ligado intimamente ao de S. Roque, e ao seguinte, de S.^{ta} Catarina, ainda se prolonga muito para o norte, e a sua cumiada é representada pela Rua de D. Pedro 5.º, Praça do Rio de Janeiro (cota, 78^m,93) e Rua da Escola Politécnica.

7.º MONTE — DE S.^{ta} CATARINA

«Junto a este monte (*das Chagas*) fica hum grande valle, que «se chama o valle das chagas, ficando á mão direita pera a parte do «Occidente o Monte de Sancta Catherina do Monte Sinay, que he o «septimo, o qual se estende em muy grande espaço, e fenece em hum «pequeno valle junto á Esperança, onde se acaba a principal parte do «arrabalde da Cidade, e que com ella se conta (*que faz parte dela*).»

Vê-se que Fr. Nicolau considerava o vale das Chagas, em cujo córrego está a Rua da Bica de Duarte Belo, e cujas encostas são limitadas pelas ruas das Chagas e do Marechal Saldanha, *um grande vale!*; e o valle junto à Esperança (*vale de S. Bento*), era um *pequeno valle!*

A igreja que deu o nome ao monte estava situada no Alto de S.^{ta} Catarina, no local onde se levanta o palácio dos herdeiros do industrial Alfredo da Silva (cota, aproximadamente 50^m).

Pela descrição vê-se que o monte ficava limitado do ocidente pelo vale de S. Bento, mas não diz Fr. Nicolau qual era o seu limite norte, e vá-se lá saber hoje o que o bom do frade tinha em mente a êsse respeito!

E assim damos por terminada a descrição dos 7 montes ou colinas de Lisboa, feita por Fr. Nicolau de Oliveira, e por nós anotada para esclarecimento dos pontos que aquêl frade deixou confusos ou incompletos.

Acabamos de ver que esta descrição não tem precisão, assim como a não têm todos os limites que dela inferimos; mas ressuscitámos êste assunto, não apenas como mostra da curiosidade dos nossos escritores seiscentistas, e da forma como êles julgavam enaltecer as belezas da cidade, mas porque sendo ainda hoje invocadas as 7 colinas de Lisboa por escritores e poetas, achámos interessante explicar esta tradição, e mostrar a sua origem.

Setembro de 1944.

U m a A l t a m a N o v a

na conferência «*Alfama como eu a não vejo*»

pronunciada na noite de 9 de Novembro de
1944, na sede do Grupo «*Amigos de Lisboa*»

por NORBERTO DE ARAÚJO

Esta palestra ou simples comunicação, em família — e nunca uma conferência porque isso implica um processo muito formal, e de certo modo condicionado por elementos de responsabilidade ensaística —; esta palestra destina-se a expor uma idéia, que nada tem de audaciosa ou de fantasista, e pode apenas ser qualificada de prematura.

A razão do título «*Alfama como eu a não vejo*» no desenvolvimento desta conversa se encontrará.

Alfama — a despeito de estar exploradíssima em conferências, monografias, literatura, pintura, teatro, história e mesmo na crítica — constitui um assunto inesgotável.

Em rigor — nunca está suficientemente iluminada. Ficam sempre uns quadros por distinguir, umas zonas por identificar, certos factos resultantes de coisas por acertar dentro da história ou da crónica ou da arte ou da arqueologia. Mas o fulcro desta comunicação não é a descrição, sumária que ela fôsse, das graças, do pitoresco, das curiosidades, da louçania arqueológica, das evocações alfamistas.

Ainda que, para efeitos de raciocínio e para justificação de uma idéia, eu tenha que ser um pouco o erudito ou o peregrino, e pedaços de Alfama tenham que saltar por vezes do bloco destas considerações — a verdade é que menos maçarei com narrativas e com quadros da paisagem alfamista do que com conceitos que não serão novos mas podem apresentar-se como de novidade.

Nós vamos antever, que não ver, a Alfama sob um ponto de vista

urbanístico, moral dentro do pitoresco, fecunda de sugestões, saneada, higienizada —: *Alfama velha, bairro novo*.

Sonho perfeito?

Nem estou em idade literária olisiponense que predisponha a sonhar, nem por outro lado há idéia, conceito ou ideal que não comece por parecer um sonho. Sempre assim foi e será.

*

* *

Com a mais cândida simplicidade enuncio: *Alfama ou existe ou não existe*. Ou temos de a considerar um elemento de atracção familiar, de sugestão para alheios, de interêsse cultural, histórico, bairrista «sui generis», como uma pedra viva do xadrês do turismo — ou temos de a abandonar ao seu destino: ser pedra morta do gamão do passado.

De duas, uma: ou Alfama só tem interêsse para meia dúzia de «necrófilos», de visionários do passado, de amantes de velharias cuja poesia e beleza são tôdas subjectivas, e neste caso deixa-se conspurcá-la cada vez mais na sua truculência social e contemplativa — se é que se não resolve arrazá-la para se construir no sítio onde ela foi um dia, um novo e exótico bairro azul, talvez um grande bairro económico marginal, — ou, em alternativa, reconhece-se Alfama um bairro característico, monumento digno de interêsse nacional olisiponense, motivo de atracção para nacionais e estrangeiros, e neste caso *há que tratar dela: há que fazer uma Alfama nova dentro de uma Alfama velha*.

*

* *

Imaginem os que seguem com desvelo êstes assuntos que todos nós, estremecendo, por exemplo, a Sé ou o Castelo, monumentos nacionais, motivos de orgulho no venerando tombo familiar — os deixávamos cair aos bocados.

Porque isso se fêz durante alguns séculos, porque os homens com inconsciência ou indiferença aumentaram a confusão, o caos parcial que o Terramoto iniciara — é que um belo dia se chegou ao

apuro (final do século passado) de acudir à Sé, e ao imperativo de salvar (1936-39) pela reintegração sábia, o Castelo de S. Jorge.

«Não comparemos!» — dirão alguns. Não há termo de comparação possível entre o Castelo ou a Sé — e a Alfama».

Não podemos admitir êste princípio.

Quanto a mim, nego que Alfama não valha o sacrificio de um pensamento, a esmola de um plano, a ternura de um olhar compassivo, florindo em realizações.

E aqui repito: ou se considera Alfama uma coisa morta (ou apodrecendo sem morrer, porque não há morte orgânica absoluta), ou se considera uma realidade.

A prevalecer êste termo do dilema — *Alfama é um monumento.*

Ela guarda tudo: tem o Castelo e tem a Sé; a um se encosta, a outro se deixa encostar. Cabiam aqui um ramo de flores, um hino de polifonia histórica, vinte páginas iluminadas a ouro de crónica; um salmo religioso, uma aguarela, uma água forte. Não está isso, porém, no plano desta comunicação.

Partamos do princípio que Alfama existe, e existe não apenas para nela divagarem estrangeiros pelo braço dado do elemento oficial ou dos cicerones, Dons Albarrans como tenho tanta vez sido. Alfama existe. *Logo tratemos dela.* É um monumento bairrista, quasi um burgo. Logo salvemo-lo. É uma flor? Logo deitemos-lhe água. É uma linda boneca medieval, quinhentista, setecentista? Logo vistamo-la de lavado. Demos-lhe banho. Ponhamo-lhe dois laçarotes na cabeça.

Mas como? Porque forma? Não visamos outra coisa nesta singela exposição.

*

* * *

Aqui entra uma evocação. Um homem: Duarte Pacheco.

Eu sou respeitador incondicional da memória do estadista que foi o engenheiro Duarte Pacheco.

Não me venham com os seus erros e com os seus disparates. Eu também os reconheço. Mas o homem — é o todo. Não sei de nada

mais parecido com o homem do que uma flor, embora digam que a flor — é a mulher.

A flor é o todo: o conjunto sem desfolhar. É o aroma, é a côr, é a leveza, é a fôlha, os próprios espinhos. Só o botânico naturalista a despe. No julgamento dos homens não temos que ser botânicos. Pode dissecar-se à luz da história a vida de um homem. A sua obra — é o conjunto. A psico-análise é uma ciência destrutiva. A ela não resistiriam um rei, um sábio, um poeta, um estadista, um santo.

Duarte Pacheco, que conheci do jornalismo, pediu-me algumas vezes — três — que o acompanhasse em excursões que fazia por Lisboa. Mandava-me o carro a casa. Duas vezes fomos sós, pois o «chauffeur» não contava. A primeira foi às Amoreiras, antes de se deitar abaixo o casario sob os Arcos, quando o municipalista pensava, aliás contra a minha opinião, transferir a Ermida de N. Senhora do Monserrate para outro lado da praça, e desafrontar o Aqueduto. Fomos depois ver os terrenos do novo bairro do Rato. Contei-lhe a história dos terrenos e da cêrca das freiras, o que haviam sido as terras do Pé do Mu, que eu revelara nas «Peregrinações», consultando documentos das Casas Palmela e Alverca.

A segunda jornada, também só com êle, teve por destino a Alfama. Aqui está a razão desta palestra.

O engenheiro Duarte Pacheco, prático, dinâmico, construtivo, objectivo, moderníssimo — não conhecia Alfama, nem tinha dela boa impressão. Pode ter-se boa ou má impressão de uma coisa ou de uma pessoa sem a ter visto ou a ter conhecido de perto.

Êle não gostava da Alfama. Mas não sei que bicho o mordeu — e foi comigo à Alfama.

Se vos disser que o engenheiro Duarte Pacheco ficou surpreendido — enganar-vos-ia. O engenheiro, que já trazia em conclusão o Instituto Superior Técnico — ficou maravilhado.

Em três rápidas horas dêsse sábado de «feira da ladra» (por onde passamos e onde só o interessou a perspectiva do Arco grande sobre Santa Clara, e a circunstância de eu o ter informado que do mosteiro dos regrantes de Santo Agostinho — S. Vicente — não restava um único documento: «então êles deitaram tudo abaixo?»), eu

tive o cuidado de lhe mostrar na Alfama um pouco de tudo: o poético, o pitoresco, o religioso, o venerando, o saboroso da Juditaria, a gracilidade de certas casas, o pormenor. E mostrei-lhe também o mau, o feio, o sujo, o reles.

Dentro da cabeça daquele homem começou a fazer-se um torvelinho. Não recordo precisamente o que me disse, aliás pouco e caindo a mêdo, com mêdo que eu lhe surpreendesse um sonho.

Teria pensado em Santa Cruz, de Sevilha, se é que êle conhecia essa artificiosa maravilha de turismo e bairrismo florido?

Certo é que um mês e meio depois convidou — era presidente da Câmara — um grupo de pessoas para o acompanhar numa nova excursão à Alfama: iam artistas, escritores, architectos, engenheiros da Câmara, técnicos, funcionários tomando nota das expropriações. Eu fui, e guiei-o por vezes. Decididamente, êle estava apaixonado pela Alfama!

Querida outra, limpa, asseada, lavada, bonita, com tôda a sua poesia veneranda e o seu pitoresco garrido. «Isto ficaria, aquilo ir-se-ia embora».

Parava. Contemplava. Estaziava-se em coisas que os engenheiros ou os architectos (um dêles era Veloso Camelo) não pareciam ver.

Não sei depois o que se passou no seu cérebro ou nos laboratórios da Câmara. Creio que existe um projecto. Sei que não sou eu a primeira pessoa a interessar-se por êste assunto.

*
* *
*

«Tanto tempo para dizer tão pouco!» — observar-se-á, com justiça, nesta altura da palestra.

É que é tamanha a minha convicção de que quanto penso e digo está longe de ser um sonho — que preciso de fundamentar. De preparar os vossos espíritos.

Eu não visiono Alfama como um «barrio de Santa Cruz», em Sevilha.

Alfama é grande e verdadeira de mais para se comparar a êsse

esplêndido enlevamento. Também não sei como o engenheiro Duarte Pacheco visionava a sua Alfama. Esta minha idéia, de resto — é independente da de outrém, e se ela ficar só apenas minha não sofre beliscadura a minha sensibilidade, e muito menos padece com isso o meu amor próprio.

No «Barrio de Santa Cruz» é tudo teatro, com muitas peças de aderêço autênticas. O cenário é pequeno; documentos e curiosidades são de estampas reais, que por lá nenhum terramoto rasgou.

Laranjas e loureiros, plantaram-nos. Os palácios nunca foram tocados de desgraça. A Plaza de Dona Elvira é um arranjo cujos ângulos nenhum cataclismo ensombrou. Em Alfama não é possível um bairro de Santa Cruz.

Mas é possível a Alfama, Alfama só, com os sitiozinhos — freguesias de S. João, de S. Miguel, de S. Pedro, dos Remédios, do Salvador, de Santo Estevão, das Escolas Gerais — todos pintados de novo, todos refrescados de gelosias, varandas, socalcos, altares de escadaria, cunhais floridos, ruelas lavadas, becos sem profanação de esterco, baiúcas fechadas, estendais de miséria banidos da irresponsabilidade colectiva. Esta possibilidade — eis o nosso tema.

*
* *
*

Agora temos de fazer uma pequena digressão, não disciplinada em roteiro, como nas «Peregrinações». Tenho que vos lembrar o que Alfama contém a justificar a qualificação da «monumento a salvar».

Está contida entre o eirado da Sé, o Terreiro do Trigo, Escolas Gerais, Santa Clara e as Portas do Sol.

Tudo quanto se comporta dentro daqueles limites — é Alfama.

Se fôsse possível eu ter trazido para aqui um grande mapa, planta arruada, eu vos marcaria, desprezando mil pormenores, uma centena de elementos fulcros de atracção bainrista, salpicando uma área que, sem se destruír qualquer parcela da sua truculência natural, pode ser convertida num bairro urbano, diferenciado de todos os outros, regrado de semblante dentro do desregramento das idades.

Vejamos por apontamentos:

O Arco de Jesus, de certo modo como os arcos que o antecedem a Poente — o das Portas do Mar e o Arco Escuro —, o Arco do Rosário — são as entradas naturais a Sul. Qualquer destas bôcas de Alfama se presta, num cenário rígido de reintegração, que artistas comporiam, a criar uma beleza nova.

O próprio Arco da Conceição e a perspectiva da serventia que é a escadaria que leva ao Pátio do Marquês do Lavradio — têm interêsse a recompor.

A Travessa de S. João da Praça, ou seja o Beco da Mosca, é das mais pitorescas maravilhazinhas da Cidade. Uma ternura para artistas. Cada passadiço, cada ângulo, cada cunhal, cada janela — merece uma valorização.

O Arco do Salvador, tão evocativo, daria outro quadrinho alindado da entrada na Alfama, por S. Tomé velho do Penedo.

O Largo do Chafariz de Dentro — é um Terreiro do Paço, com a bizarrria das suas casas de duplos socalcos e empenas de bico.

O Alto da Adiça, com a sombra da sua muralha virgem, a escadaria, de um lado encostada a construções triviais — é outro estímulo para cartões de recomposição.

Não falemos ainda do pitoresco. Vejamos o sacro, aquilo que uma Lisboa bairrista não dispensa — que é o religioso: ermidas e igrejas. Estão a cair de sujidade! Quem olha para elas que não se entristeça! São as paroquiais de Santo Estêvão, de S. Miguel, mesmo de S. João da Praça já no limite, a ermida do Espírito Santo dos Pescadores ou dos Remédios da Alfama, e, se quiserem, por extensão, a Ermida da Boa Nova. Poder-se-ia ainda acrescentar S. Vicente.

Cada um destes monumentos sacros é um elemento do turismo e de interêsse de conjunto de Alfama. Interiormente S. Miguel é oiro, Santo Estêvão é mármore, Espírito Santo dos Pescadores com seu pórtico manuelino, é poesia.

O adro de Santo Estêvão é a mais bela página de luar da Alfama. O cruzeiro em pedra, abençoando o bairro, vale tanto como a linda cruz de ferro em renda de Dona Elvira de Sevilha.



No coração de Alfama, em pleno S. Rafael — esta denominação a recordar o Hospício que succedeu à paroquial de S. Pedro —, nesse eiradozindo que nasce da Judiaria — ergue-se viva, clara, veneranda, a Torre de Alfama. Está lá! Desvalorizada, sangrando o vilipêndio do rebôco a cinzento. O seu eirado florido seria uma maravilha contemplativa, tornada praticável, encostada a êsse mirante de janelas manuelinas sôbre a Judiaria.

Documentos medievais estão no Pátio dos Senhores de Murça.

O Palácio dos Condes dos Arcos, no seu pátio ao menos, na sua escadaria e arcaria de uma face — ficaria a marcar a tradição solaranga de Alfama.

O palácio do Azevedos Coutinhos, em Santo Estêvão, sôbre o Arco do Chanceler — Chanceler que foi Simão Gonçalves Prêto e não Pedro Salgado, como está apurado, ao contrário do que anda escrito e eu próprio repeti nas «Peregrinações» —, dá outro encanto bairrista solarango, no seu ângulo perspectival, trono de escadaria e doçura de linhas exteriores.

Ali — nada quâsi havia a mexer. O teatro está lá mesmo.

Não abundam em Alfama os portais nobres. Mas êsse da fachada do Conde dos Arcos, armoreado, o do palácio antigo dos Portalegres, Gouveias, Aveiros e Lavradio, no largo dêste nome — são espécimes dos quais se pode tomar partido de conjunto, para não falarmos do pórtico da Ermida dos Remédios e do portal manuelino na rua daquele nome.

A chamada «Casa dos Arcos», com entrada pela Adiça ou Calçada de S. João da Praça, no n.º 96 — é um miradoiro perdido e contemplativo, quâsi desconhecido, e que adquirido o imóvel um dia pela Câmara Municipal contribuiria, pelo muito que lá se poderia fazer, para a sugestão de uma Alfama nova dentro da Alfama velha.

*
* *

O pitoresco é o deslumbramento alfamista. Ele está lá. Nada o destrói. Mas não está patinado pelas idades. Está patinado pela imundície.

Em Alfama subsistem 93 casas dignas de aguarela. Destas, 22 são de tipo inconfundível em Lisboa.

E chegamos a um ponto capitular desta palestra.

Existem em Alfama, pelo menos, duas casas populares antigas, alindadas recentemente pelos senhorios de bom gosto, os quais por isso mereciam uma medalha da Cidade. São padrões a copiar. Uma situa-se na esquina do Beco das Cruzes, n.º 1, para a rua da Regueira, n.º 37, só por si um espécime alfamista, honra da freguesia; outra na Rua de S. Pedro, n.ºs 6 e 8, antes do Beco do Azinhal, mais alta e decorativa, e não menos interessante no restauro. De resto, marcam-se outros espécimes no Castelo Picão e em S. Miguel que os senhorios não descuraram de todo.

Disposições camarárias, aparentemente coercivas, que obrigassem os proprietários, ainda que com subsídio municipal, a limpar, alindar, transformar as fachadas desses muitos presépios urbanos dispersos pela Alfama — seriam e fariam a grande revolução pacífica do bairro. Era essa a campanha estética por excelência.

S. Rafael, S. Miguel, a Adiça, a Galé, a Regueira, o Castelo Picão, S. Pedro, o Chafariz de Dentro, Santo Estêvão, o Salvador, os Remédios, o Vigário, as Escolas Gerais — estão cheios destes espécimes

Quem olha para êles? Acabará tudo por cair no trivialismo com o andar do tempo!

*
* *

Os becos de Alfama são, alguns dêles, escrínios de pitoresco e de beleza. A casa do Castelo Picão, acima de um escadório com cortina de murete, casa que pertenceu à V. Ordem de N. S.ª do Monte Carmo —

encostada a uma espécie de barbacâ — quem a põe ao nível do seu significado e merecimento bairrista?

O Beco da Cardoso tem numa reentrância um oratório de Nosso Senhor do Bonfim, com sua lâmpada acesa e uma vaga, ainda que especulativa, unção religiosa.

Eis um motivo a aproveitar, para turismo e reintegração urbanística pitoresca.

Existem, de resto, em Alfama, cêrca de 90 registos de azulejo, dois ou três anteriores a 1755, e alguns dêles deliciosos de composição. Encontram-se restos de campanários, sineiras esquecidas, motivos decorativos a aproveitar.

Os tronos das Curvinhas, a rua dos Corvos e as suas casas, essas sim a lembrarem Santa Cruz, naturalmente; os fundos cenográficos de certos becos: o das Flores, da Bicha, do Mexia, dos Cortumes, do Cativo, das Cruzes, do Almotacé, de Santa Helena, do Alegrete da Alfurja, da Lapa — que sei eu? — são tudo sítios que alindados nas suas superfícies exteriores converteriam Alfama num encadeado de belezas bairristas, capaz de entontecer artistas e poetas, e onde o sol ou o luar assentassem pé — e nunca mais saíssem.

Pátio das Canas guarda janelas manuelinas — e duas estão entaipadas.

Restos de edificações, representativas, cunhais solarengos, curiosidades, como a da «Casa das Colunas», no Chafariz de Dentro, cujas colunas foram talvez de S. Rafael e cujo domínio de chão pertenceu às feiras de Santa Clara e depois às da Esperança, restos de nichos e de oratórios — salpicam a Alfama de valorzinhos dispersos, por catalogar, por pôr ao sol, por animar dentro de um bairro que é velho mas não quiere ser decrépito.

* *
*

É altura de eu vos apresentar, como ante plano, ou simples esboço, aquilo que eu suponho não ter inventado, mas ter, pela primeira vez, concretizado em justificação.

Ante-plano para uma Alfama Nova

1 — Junta de «Conservação de Alfama»

Constituição de uma comissão, qualificada «Junta de Conservação de Alfama, da qual farão parte, sob a presidência de um funcionário superior da Câmara Municipal, um funcionário superior da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, dois architectos, sendo um municipal, dois engenheiros municipais, dois escritores olisipógrafos, um funcionário dos arquivos da Câmara, um representante da Associação dos Arqueólogos, um funcionário da Direcção Geral de Saúde, um funcionário do Secretariado Nacional de Informação e Cultura Popular, um director do Grupo «Amigos de Lisboa» e um funcionário municipal que servirá de secretário. Esta Junta delegaria numa comissão de cinco membros os trabalhos práticos.

2 — Cadastro de prédios

Organização do cadastro de todos os prédios contidos dentro da área definida de Alfama. Os prédios seriam classificados em cinco categorias ou classes:

- a) — Casas apalaçadas com interesse histórico, artístico ou arqueológico;
- b) — Casas com interesse pitoresco, típico, merecedoras de conservação e arranjo, de beneficiação ou alindamento exterior;
- e) — Casas com interesse pitoresco secundário e susceptíveis apenas de limpeza e conservação;
- d) — Casas populares triviais, sem interesse algum dentro do plano geral;
- e) — Prédios do século passado e do actual, destituídos de carácter alfamista, mas nos quais se contenham elementos de qualquer interesse.

3 — Inventário de Alfama

Organização de um inventário ou sumário de todos os valores representativos de Alfama, a saber:

- a) — Monumentos das defesas medievais ou seus vestígios;
- b) — Monumentos sacros;
- c) — Vestígios de monumentos sacros desaparecidos;
- d) — Prédios e casas de interesse pitoresco;
- e) — Documentos urbanos dos séculos XVI ao século passado, e seus vestígios;
- f) — Curiosidades bairristas, de interesse histórico, anedótico ou pitoresco;
- g) — Documentos cerâmicos, lápidas e pedras arqueológicas definidas;

- h) — *Pátios de expressão bairrista, becos e ruelas com significação topomímica;*
- i) — *Lavores architectónicos, esparsos, como portais e janelas, e cumhais dos núcleos primitivos dos prédios.*

4 — Definição da área

Definição da área propriamente dita de Alfama, com seus limites naturais, ou regradados pela actual divisão administrativa, tendo em vista as zonas extensivas das freguesias para além da área dada como de Alfama. Levantamento das plantas urbanas da S.ª e S. João da Praça, S. Miguel, Santo Estêvão e Escolas Gerais.

5 — Transformações e valorizações

Uma vez a Câmara Municipal senhora dos elementos dos n.ºs 2, 3 e 4 que a Junta organizasse — proceder-se-ia à elaboração de um plano de «conservação de Alfama», no qual se compreenderiam:

- a) — *Melhoramentos, arranjos, transformações, demolições e limpezas dos prédios e casas qualificadas para tal;*
- b) — *Construção de dois ou três jardins ou manchas de ajardinamento, em locais onde o trânsito não fôsse prejudicado;*
- c) — *Limpeza coersiva de todos os prédios das freguesias da área definida de Alfama;*
- d) — *Realização, por architectos e artistas, de modelos-tipo de fachadas ou exteriores de conjunto, para as casas merecedoras dêsse arranjo pitoresco, de nenhum modo uniforme, e o mais possível de fácil adaptação ao estado actual dessas casas.*
- e) — *Organização de projectos, de vários modelos, para alindamento das janelas, varandas, canteiros com flores, do tipo ingénuo bairrista, segundo os espécimes mais interessantes que existem actualmente;*
- f) — *Valorização dos registos de azulejos principais e mais destacados, e colocação, pelo menos uma em cada artéria, de lâmpadas votivas, construídas em ferro artístico trabalhado ao gosto português.*

6 — Sanidade e limpeza

Organização de um plano de limpeza, sanidade e descongestionamento do comércio ambulante, tendo em vista:

- a) — *Supressão dos mercados às soleiras dos prédios ou nas esquinas das ruas, sobretudo os de peixe e de hortaliça;*

- b) — *Limpeza coerciva das tabernas, de modo que, com o menor prejuízo e encargo para os seus proprietários, se possa melhorar o aspecto desses estabelecimentos;*
- c) — *Publicação de posturas municipais tendentes á efectivação daquelas medidas estéticas e higiénicas;*
- d) — *Construção de um pequeno mercado bairrista, num local de prédios que haja de demolir por ameaçarem ruína ou por incaracterísticos;*
- e) — *Estudo, pelas juntas das freguesias alfamistas, de um plano de jardim-escola, o qual, embora de realização mais afastada, não pode deixar de ser já considerado.*

7 — Aquisição de imóveis

A Câmara Municipal de Lisboa competiria:

- a) — *Aquisição do prédio conhecido por «Casa dos Arcos», na Calçada de S. João da Praça, para nêle se instalar um pequeno museu alfamista, sede de um serviço de turismo e informações;*
- b) — *Aquisição de uma casa pitoresca para nela se instalar um restaurante típico alfamista, que se daria por adjudicação, sob certas condições prévias de arranjo, serviço e trato da clientela;*
- c) — *Valorização dos miradouros naturais, como sejam a «Casa dos Arcos» e o adro de Santo Estêvão;*
- d) — *Organização de uma planta sistematizada, esquemática, que permitisse localizar o interesse arqueológico-artístico, pitoresco e histórico do bairro, e salientar os seus espécimes.*

8 — Acção da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

A Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais competiria:

- a) — *A conservação e restauro imediato do exterior das igrejas e ermidas sitas nas freguesias alfamistas;*
- b) — *A limpeza exterior, arranjo, reintegração e conservação da Torre de Alfama, no Largo de S. Rafael, tendo em vista o seu eirado florido, que poderia ser tornado praticável e público em certos dias, de acôrdo com o proprietário do imóvel;*
- c) — *Idênticas medidas de arranjo e valorização da varanda assente sobre misulagem, pertencente ao mesmo prédio da Torre de Alfama, e de bruçada da muralha moura sobre a Rua da Judiaria;*
- d) — *Classificação das espécies anotadas e reveladas, e declaradas de «interesse».*

9 — Acção da Direcção Geral de Saúde

A Direcção Geral de Saúde competiria, de acôrdo com os serviços especializados na Câmara Municipal:

Estudo de sanidade e higienização do bairro em geral e das ruas principais e travessas em particular.

10 — Acção do Secretariado Nacional

Ao Secretariado Nacional de Informação e Cultura Popular competiria:

- a) — *Em alternativa, o exposto na alínea b) do que competiria à Câmara (aquisição e adjudicação da casa para restaurante típico);*
- b) — *Entendimento com a Câmara para instalação de um serviço de turismo na «Casa dos Arcos».*

11 — Recursos e encargos

A Câmara Municipal inscreveria no seu orçamento as verbas necessárias para participar nos encargos impostos aos senhorios, e para, de sua conta, realizar os estudos prévios, instalar canteiros de flores nas varandas e beirais que o merecessem, e igualmente concederia verbas para prémios aos senhorios que melhor compreensão demonstrassem da obra que se tem em vista.

Ao Ministério das Obras Públicas competiria concessão de subvenções, pelo Fundo de Desemprego, ou outros, de modo a praticamente facilitar a realização do plano de «Conservação de Alfama».

*

* *

E então?

Então, minhas senhoras e meus senhores, ao mesmo tempo que arquitectos, artistas, reconstrutores tocados de sensibilidade, enfeitariam Alfama, sem mentiras, e poriam na cabeça da «menina velha» «dois laçarotes» — a vassoura intervinha.

A vassoura é a Direcção Geral de Saúde e são os serviços de sanidade municipal. Os mercados deixavam de ser, à porta de cada prédio, focos de imundície e de vergonha. O pregão ambulante reboaria pelas ruas e ruelas, que êsse não faz mal a ninguém. Mas as baiúcas deixariam de ter o aspecto sórdido que hoje oferecem.

Com o andar do tempo, e com uma sábia pressão saneadora higienista, com dois ou três jardins a construir em locais que lá existem; com água, vassoura, posturas ajustadas, com algumas demolições que estão indicadíssimas e com recomposições fáceis de levar a efeito — Alfama seria outra, veneranda, louçã, alacre, pitoresca, saudável, plena de significação e de encanto.

Não gastaria mal a Câmara nem o seu tempo nem o seu dinheiro. As juntas de freguesia chamadas a colaborar, veriam algumas das suas aspirações realizadas, por meio de uma assistência infantil que diminuísse o «ao Deus dará» das crianças nas ruas. A pouco e pouco o que de comêço havia de parecer imposição camarária tornar-se-ia hábito por sujeição voluntária .

A moral ganhava. A estética ganhava. O bairro deixaria de ser uma excentricidade para, sem perder o carácter, passar a constituir um novo encantamento lisboeta.

Esta é a Alfama como eu a sonho.

É uma Alfama — como eu a não vejo.

Um cônsul da Rússia em Lisboa

por J. M. CORDEIRO DE SOUSA

A leitura do curiosíssimo trabalho publicado pelo nosso Secretário Geral e meu amigo, Ex.^{mo} Sr. Luiz Pastor de Macedo, a págs. 77 e segs. do n.º 26 da revista «Olisipo», àcerca de *A Madragoa e o Vicente Borga*, sugeriu-me umas breves referências àquêlê João António Borchers, que foi «cônsul de Sua Majestade Imperial de tôdas as Rússias» nesta nossa cidade de Lisboa.

Os Borchers eram uma família de antigos negociantes, e uma das principais, da cidade livre de Hamburgo.

Alberto Borchers, filho de outro do mesmo nome e de Margarida Reinstorps, veio ainda muito novo para Portugal, parece que recomendado a Conrado Biecker, também hamburguês, em cuja casa, na rua da Moiraria, foi praticando o negócio e, decerto com mais agrado, a conversação com a filha dêste, D. Teresa Joana Biecker Pimentel Maldonado, com quem veio a casar em 12 de Fevereiro do ano de 1725.

Dêste casamento nasceu, entre outros, em 12 de Junho de 1729, julgo que na casa do velho Biecker, João António Borchers, que foi baptizado na igreja de Nossa Senhora do Socorro, em 5 de Julho seguinte.

Dos anos da sua mocidade nada sei, a não ser que fôra ferido durante o terremoto, e que ficara com «um leve esquecimento numa perna», em resultado do tratamento que então lhe fizeram, mas que não o obrigava a coxear, nem o impedia de montar a cavallo; até que o encontro, em 1762, morando com o pai, ao chafariz do Andaluz, e depois, nesse mesmo ano, «defronte do convento dos Padres Paulistas», vivendo de seu negócio e «tratando-se com tôda a gravidade e à lei da nobreza» (1)

Nesse ano, e por renúncia de D. Maria Micaela de Vasconcelos, é-lhe concedido o hábito de cavaleiro da Ordem de S. Bento de Aviz. Como porém os definidores alegassem que seus pais e avós eram naturais de Hamburgo, e como tais «hereges protestantes», embora não lhe negassem «as partes pessoais, qualidade e limpeza de sangue» necessárias, representou em 24 de Novembro do referido ano ao Rei para o dispensar de tal impedimento. Concedida a dispensa, requere e obtém autorização em 1 de Dezembro, para receber o hábito no Real Mosteiro de Nossa Senhora da Encarnação desta cidade, «por se lhe fazer grave incômodo» a longa jornada ao Real Convento de Aviz.

Parece que o tal *esquecimento* da perna sempre lhe fazia lembrar os inconvenientes da penosa caminhada pela extensa charneca alentejana.

(1) T. do Tombo, Proc. de hab. p.^a a O. de Aviz.

Oito anos depois, por resolução régia de 12 de Março de 1770, tomada em consulta da Mesa do Desembargo do Paço, é-lhe confirmada a nomeação de cônsul geral da Rússia em Lisboa, cargo que ocupou durante vinte e quatro anos (2).

Aos 25 de Agosto dêsse ano de 1770 casou na ermida de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Quinta das Carrafochas, em Santo António do Tojal, com D. Teresa Caetana Serrote, ou Servote, filha de Lamberto Servote e de D. Isabel Junkers. Dêste casamento houve, pelo menos, os seguintes filhos: D. Catarina, nascida em 8 de Outubro de 1772, de quem foram padrinhos o Grão-Duque Pedro I e sua mãe, a imperatriz Catarina da Rússia.

D. Mariana, nascida em 19 de Dezembro de 1773.

D. Isabel, nascida em 30 de Junho de 1775.

D. Maria Madalena, que faleceu em 12 de Maio de 1783.

Frederico, que foi baptizado na capela da Quinta das Lebres, em 16 de Novembro de 1784.

D. Henriqueta, que nasceu em 4 de Fevereiro de 1784.

Rodolfo Eugénio, que faleceu de pouca idade em 10 de Dezembro de 1792.

Em 20 de Novembro de 1770, perante o tabelião José António Soares, cons-

(2) «Dom Jose por Graça de Deos Rey de Portugal &.^a Faço saber aos q̄ esta m.^a carta de confirmação virem q̄ havendo resp.^{to} a que a CZARINA de Moscovia e Russia nomiou por consul de Sua Nassão na cid.^e de Lx.^a e (Portos deste Reyno a João An.^{to} Borchher pela satisfação q̄ tem de sua pessoa intelligencia e mais partes q̄ nele concorrerem Hey por bem e me pras de confirmar como com effeito por esta confirmo ao d.^o João An.^{to} Borchher no d.^o officio, de consul g.^{al} p.^a q̄ o sirva nesta cid.^e e Portos deste Reyno assim e da man.^{ta} q̄ ho deve ser, e como o fazem os consules das outras Nações estrangeyras e este por dir.^{to} o deve ter, e q̄ haja com o d.^o officio os proes e precalços q̄ direytam.^{to} lhe pertencerem e q̄ gose de todas as honrras, privilegios liberd.^{as} e franquezas de q̄ gosão os d.^{os} consules noteficoo asi ao Regedor da caza da Suplicação e aos vereador da Rellação e Caza do Porto, e a todos os meus dezembargadores Corregedores ouvidores Juizes e mais Justissas off.^{as} e pessoas a q̄^m. esta for apresentada e o conhecim.^{to} della pertenser, lhe mando hajão o d.^o João Ant.^{to} Borchher por Consul da dita Nassão, nesta cid.^e e Portos deste Rn.^o e lhe deyxem servir e exersitar o d.^o off.^o assim como o fazem os outros consules das Nações estrangeyras e lhe por dir.^{to} pode e deve fazer sem a isso se lhe por duvida ou embargo algum e mando q̄ se dessas Pessoas da Nassão Russiana q̄ rezidirem nesta cidade e Reynos o hajão por Consul della e lhe deixem huzar o d.^{to} officio como d.^{to} he; e elle Jurará em m.^a chanc.^{ria} de Servir bem e verdadr.^{amente} guardando em tudo o Serviço de Deos e meu e as p.^{tas} seu dir.^{to} e do d.^o juram.^{to} se fará acento nas costas desta carta q̄ por firmeza de tudo lhe mandey passar por mim asinada e passada pela chanc.^{ria} e sellada com o selo pendente de minhas Armas e pagou de novos dir.^{tos} tres mil duz.^{os} e quar.^{ta} rs. q̄ forão carregados ao Thezr.^o delles An.^{to} Jose de Moura a fs 119 do l.^o 5 da sua rec.^{ta} como constou por hum conhecim.^{to} feyto pelo escrivão de seu cargo e foram... asinados q̄ foy reg.^{do} a fs. 225 do l.^o 22 do Registo g.^{al} dos novos dir.^{tos} dada no Palacio de Nossa Sr.^a da Ajuda aos vinte e seis dias do mes de M.^o do Anno do Nascim.^{to} de Nosso S. Jesus christo de mil setecentos e settenta El Rey ».

(T. do Tombo, chanc. de D. José, l.^o 9, fol. 87 v.).

titui seu procurador Gaspar Voght, «senador da cidade imperial de Hamburgo», para poder instaurar qualquer acção contra os herdeiros de outro senador, um tal João Joaquim Boetefeur ⁽³⁾. Certamente questões de negócios.

Nêsse ano, e no seguinte, morava João António Borchers «no seu palácio nos Cardais, por detrás do Convento de Jesus» ⁽⁴⁾, embora o saiba morando em Outubro de 1771 na Carreira dos Cavalos.

Em 1778, a 10 de Setembro, assina a escritura de compra do fôro da Quinta das Lebres, provavelmente já então herdada por sua mulher ⁽⁵⁾.

Até 1794 figura, residindo às Olarias, na lista do corpo consular acreditado nesta côrte, publicada no *Almanach* chamado de Lisboa, mas no ano seguinte o lugar de cônsul geral da Rússia encontrava-se vago. Presumo, pois, que tivesse falecido em 1794, embora não encontre o seu registo de óbito na freguesia dos Anjos.

Teria morrido em casa de alguma das filhas? Alguém, com mais paciência, que se entretenha a apurar o caso, pois talvez interesse aos que por aí andam, ao que parece, desejosos de lhe sucederem no cargo.

⁽³⁾ T. do Tombo, Cart. n.º 4 dos Tabeliães, I. 33.

⁽⁴⁾ Idem.

⁽⁵⁾ Idem. L.º 49.

Relação das casas Foreiras, em 1539,

à Igreja de S. Cristóvão

por FERREIRA DE ANDRADE

(Conclusão)

Dos quais bens a fazenda atraz descrita ella Lucrecia Phelippe paga de foro e penção em cada hum anno a ditta Igreja trezentos rs em dinheiro e dous capoens por natal seus cantaros dazeite na novidade que he de dous em dous annos e he a pr.^a pessoa.

112— A ditta igreja de São Xpuão tem hum olival com sua terra acima da nunciada que foy de Santo Antão honde chamão o val de pereira e agora chamaõ val da cotovia ⁽¹¹⁷⁾ que traz P.^o vaz filho que foy de Vasques Annes ourivez q̄ Ds tem e he de largo de norte ao sul trinta e sete varas e dua sterças e de

⁽¹¹⁷⁾ No mesmo ano a que se refere o Tombo que vimos anotando, transferiu D. João III da Mouraria (Coleginho) para o local onde até então existira o convento dos frades agostinhos de Santo Antão, o mosteiro das religiosas dominicanas (mosteiro da Anunciada). Os frades agostinhos foram, por sua vez, ocupar a casa devoluta pela saída das dominicanas.

— *El Rei D. Manuel fez de novo o mosteiro da Anunciada de freiras da Ordem de S. Domingos da cidade de Lisboa, na Mouraria, no mesmo lugar onde fora a mesquita dos mouros (o coleginho) que agora é povoada de irmãos da companhia de Jesus; e as freiras se passaram ao mosteiro de Santo Antão, junto da cidade, e por este respeito tomou o nome de Anunciada* (Chron. de El Rei D. Manuel, parte IV, cap. LXXXV, Damião de Goes).

O mosteiro da Anunciada era erecto no sítio em que hoje se ergue a paroquial de S. José e estendia-se para o norte e nascente a terrenos por onde discorre a nossa Avenida da Liberdade, isto é, naquela época a poente do Val de Pereiro e da Cotovia.

Para a história dêste mosteiro pode o leitor consultar a bibliografia publicada por Pastor de Macedo na *Lisboa de Lés a Lés* (vol. I, pág. 96 a 97).

A propriedade descrita neste lançamento devia situar-se no sopé da encosta que se ergue a nascente da Avenida da Liberdade.

A designação de *vale de pereiro* remonta, que saibamos, a 1432 — *andaluços onde chamam val de pereiro*, (Livro 84 de S. Vicente, fl. 176).

Sobre a *cotovia*, sítio que, segundo o Tombo, emprestou mais tarde o seu topónimo ao *vale de pereira*, vamos respigar da obra do nosso querido amigo sr. Matos Sequeira, *Depois do Terramoto*, as conclusões a que êste escritor chegou depois de aturadas pesquisas.

comprido do Levante ao ponente oytenta e huã varas e huã terça E com suas voltas cento e dez varas e de largo da outra parte do norte para o sul trinta e oyto varas menos huã terça e parte da banda do sul com olival da See e da parte do poente com propriedade da ditta See E do Levante com azinhaga q̄ entesta com olival de Luis Aluso escrivão dos orfãos e da parte do norte com olival de Isabel nunes filha q̄ foy desta cidade e paga de foro em cada hum anno por São João trezentos rs e quatro galinhas em cinquenta rs por galinha e he a primeira pessoa.

113 — *A ditta igreja tem hum olival junto com a quinta de Diogo Leitão asima do curral onde matão o gado que se chama espinhaço de cão ⁽¹¹⁸⁾ o qual he*

«A cotovia — diz-nos o illustre arqueólogo — que dos fins do século XVI até então apenas conseguira transparecer numa citação ocasional, toma de repente rápido incremento e estende a influência do seu nome a uma quinta vizinha, depois às azinhagas próximas, e, em seguida, à estrada que entestava com os muros da residência-solar dos opulentos Soares do Tojal». Mais adiante, referindo-se a alguns documentos do cartório do convento da Trindade, observa: — «Quando se me depararam estes documentos fiquei convencido, quási, de que o nome de cotovia, que o sítio tomara da quinta ou que esta impusera aquela, era posterior ao ano de 1573». Depois, elucida-nos ainda Matos Sequeira que graças a uma informação do sr. dr. Jordão de Freitas leu na *Crónica da Companhia de Jesus*, do Padre Baltazar Teles (cap. XVIII, pág. 83 e 84) uma escritura de doação de uma propriedade que João Vicente e sua mulher Lourença Joana fizeram em 1400, a qual ficava *entre ambos os caminhos; convem a saber o caminho para onde se vai para Benfica e outro por onde se vai para a Cotovia.*

A propriedade em referência, era, nem mais nem menos, o primitivo mosteiro de Santo Antão, onde se ergueu a futura igreja da Anunciada.

E é ainda Matos Sequeira que nos diz: «Está a gente a ver, na bárbara descrição, a actual igreja da Anunciada posta entre os dois caminhos: o que ía para Benfica, que é a correnteza das modernas ruas de S. José, Santa Marta e S. Sebastião da Pedreira, etc., e o que ía para a Cotovia, o qual, começando naquele trço da rua que liga à Avenida se empinava, caracolando, naturalmente pelo outeiro fronteiriço, até ganhar as eminências do moínho do ventos».

Eis explicada a existência da *Cotovia* fronteira à Anunciada.

Agora sôbre o nome *Cotovia* é ainda o autor de *O Carmo e a Trindade* quem nos elucida, referindo-se a um documento (Chancelaria de D. João I, L. II, fl. 152 v.) em que apareceram designadas as *Almoinhas de Maria Esteves da Cotovia*: «A cotovia não deve estar ali como apelido senão como indicação do assento das *almoinhas* ou mais provávelmente como esclarecimento da moradia de Maria Esteves».

Como aditamento, informamos que também num documento de 30 de Abril de 1386 (L. XI da *Extremadura*, fl. 152 v.) nos aparece a tal Maria Esteves: — *parte a dita almoynha com as almoynhas de maria esteves da cotovia e com qual casa e allmoynha estava no rossy da dita cidade donde vendeu a erva. E casas de maria francisque e com outras.*

⁽¹¹⁸⁾ Espalhados pela cidade existiam nesta primeira metade do século XVI alguns currais onde se matão o gado.

Cristóvão menciona o *beco do curralinho* e alguns documentos do século

de comprido do Levante ao ponente pela banda do sul quarenta e duas varas e mea e parte do sul com a ditto quinta e do Levante com olival da See e do norte com Domingos aluso carpinteiro e do poente com caminho publico antigo. O qual olival traz Anta Antunes filha q̄ foy de Antonio Gonçalves E pagua de dous em dous annos trez quantaros de azeite e hua galinha e he a p.^a pessoa.

114 — A ditto igreja tem outro olival q̄ traz a sobredita junto cõ o mesmo olival q̄ tem de comprido do norte ao sul cem varas e de largo do Levante ao poente quarenta e tres varas e mea e he de comprido do norte ao sul pella banda do Levante honde faz hũa chave sesenta e nove varas e a ditto chave tem do Levante ao poente pella banda do sul quatorze varas e de largo e de comprido do Levante ao poente pella banda do norte vinte e nove varas e parte do poente com caminho publico antigo e outros caminhos q̄ vão por dentro do olival uns devidamente feytos e parte do sul com olival de Santo Antam e do poente com o ditto caminho antigo e detudo paga a sobredita Anta Antunes tres cantaros de azeite anouidade e hũa galinha a saber dambos os olivais e he a p.^a pessoa.

115 — A dita igreja tem junto de São Jordão a Sancta Barbara ⁽¹¹⁹⁾ hum olival com herdade q̄ tem de comprido do norte ao sul pella banda do Levante

XV (1430 e 1437) dão-nos conta já da existência da rua da Carneçaria (L. X de Extremadura, fl. 21 v. e 1 da Extremadura, fl. 48 v.).

Citações mais antigas de currais existentes em Lisboa:

1420 — curral onde os mouros matam seu gaado que partem com caminho que vay para sam Lazaro (Santos, n.º 662);

1455 — curral dos mouros (Idem, n.º 645);

1586 — chãos... acima da pomte de san Lazaro onde se chama o curralinho. (Jesuítas, maço 2, pacote 7);

1466 — hũa terra com sua pedreira junto cõsigo a quall terra parte com ho o muro da Cidade de longo des ho muro des contra hũm curral dos boys ate os canos do muro des contra a porta de san Vicente (L. XX de S. Domingos, doc. 4).

Pelo Tombo do Hospital de S. José (Livro 7.º, pág. 280) podemos localizar o sítio do espinhaço do cão — um olival que está alem do campo de São Lazaro, onde chamam o espinhaço do cão. Num dos averbamentos diz-se que êste olival ficava atraz do Convento de S.^o Antonio dos Capuchos. Temos assim a certeza de que o curral era o que ficava em S. Lázaro.

⁽¹¹⁹⁾ Por êstes sítios de Santa Bárbara e de São Jordão corria uma das torrentes do vale do Arieiro — O Rego ou Regueirão — corrente que passava por Arroios e ia terminar no Tejo. (Ler o Arqueólogo Português, vol. V, pág. 221).

Citamos algumas referências a êste sítio:

1339 — que he a par do ospital de ssanta Barbara (Chelas, doc. 361);

1399 — hũa quinta que he em termo da ditto cidade acerca do Resio de Santa Barbara. (L.º XII da Extremadura, fl. 214);

1436 — rua publica que vay da porta de Santo Andre pera Sancta Barbara, (L.º X da Extremadura, fl. 214);

1440 — Rego que vem de Sancta barbara (Santos, n.º 638);

1463 — chafariz de sancta barbara (L.º LXXIV de S. Domingos, doc. 198);

1503 — Rego que vem de Sam Jurdan (Idem, n.º 603);

ao poente digo pella banda do Levante oytenta e seis varas e tem de largo do Levante ao poente pella banda do sul vinte e oytto varas e mea e pella banda do poente faz hum cotovelo; e na ditta herdade está hũa casa terrea e he partida em duas a qual casa traz fernão daluares portugal e paga noventa e seis rs. por Sam martinho a qual casa he de largo do Levante ao poente pella banda do norte quatro varas e terça e de comprido do norte ao sul dez varas e duas terças a qual herdade ecasas partem com orla do mosteiro de chelas que ora traz o ditto Fernam daluares portugal E do norte com azinhaga que ha entre São Jordam ⁽¹²⁰⁾ e a ditta herdade e do sul com orla de Sancta Cruz q̄ tam bem traz o ditto Fernão Alvares Portugal. A qual herdade tem as cazas sobreditas e as traz Alvaro nunes Tabalião ⁽¹²¹⁾ e mora na mouraria e paga duzentos rs. e tres galinhas por São João primeiro e he a segunda pessoa. E parte da banda do poente com olival q̄ traz Antonio nunes Irmão do ditto Alvaro nunes o qual he de Sancta Clara..

116 — A ditta Igreja tem hum olival alem de São Lazaro ⁽¹²²⁾ no outeiro

1503 — Rua Direita que vay da porta de Sam Vicente pera Sam Jurdan (Idem);

1516 — Rua Direita que vay da porta de San Vicente desta cidade pera Sam Jurdan (Idem, n.º 1779);

1582 — Rua direita da mouraria que vai pera Santa Barbara acima de Macabem (?) Santos, n.º 1777);

1596 — Rua dereyta que vay da Mourarya pera a Igreja de Santa Barbara (Santos, 1974), etc.

Todo este sitio de S.^{ta} Bárbara estava incluído na freguesia de S.^{ta} Justa. Desde o terceiro quartel do século XVI pertence à freguesia dos Anjos.

A primitiva ermida (1551) que neste local se erguia tinha como orago Santa Bárbara e São Jordão (Sumário, pág. 44, de Cristóvão R. de Oliveira) e ficava pouco distante do chafariz e della se veem ainda hoje vestígios; arruinada com o tempo a ermida, foraõ levadas as imagens de S. Jordão e Santa Bárbara para a parochia dos Anjos onde se venerão e tem suas Confrarias. (Agiologio etc., vol. IV, pag 460, Jorge Cardoso).

O Vale de São Jordão corria por detrás desta ermida.

⁽¹²⁰⁾ Não será a antecessora da actual rua dos Anjos, a quinhentista rua de Santa Bárbara (Cristóvão, Sumário, pág. 7) ou estrada de Santa Barbara (Livro de Lançamento e Serviço, etc., fl. 511)? Para a história da rua dos Anjos pode o leitor consultar o trabalho Lisboa de Lés a Lés (vol. 1.º, págs. 114, 115, e 180 e 191) de Luiz Pastor de Macedo.

⁽¹²¹⁾ Sobre os Tabeliães, consulte o leitor a nota de Gomes de Brito ao Tratado, etc., de João Brandão (Buarcos) (pág. 92) e os três volumes publicados pela Biblioteca Nacional de Lisboa — Index das notas de vários tabeliães de Lisboa.

⁽¹²²⁾ É bem antiga esta designação atribuída a um dos sítios suburbanos da quinhentista freguesia de S.^{ta} Justa (Eclesia de Sancta Lazari, em 1245, in Inquirições, fl. 85). S. Lázaro deu o seu nome a uma artéria que ainda hoje o conserva.

Um pouco da sua história:

1381 — caminho que vay pera Sam Lazero (Santos, n.º 631);

junto com o posso dos gafos ⁽¹²³⁾ que he de comprido do norte ao sul pella banda do Levante cento e vinte e seis varas e he de comprido do norte ao sul pella banda do ponente cento e trinta e tres varas e he de comprido do Levante ao ponente pella banda dosul cento e vinte tres varas e mea e do canto da casinha que está da banda do Levante até à herdade que jaz ante o curral onde matam o gado ⁽¹²⁴⁾ E o ditto olival he de comprido do Levante ao ponente pella banda do norte medido por fora dos valados com todas suas voltas cento e quarenta e oytto varas e parte do Levante com orta de Sancta Cruz de Coimbra que ora traz Fernão dalvaes portugual e do norte com olival que he de Antonio nunes e com a mesma orta de Sancta Cruz e do Levante e do poente com herdade de Maria Diz o qual esta antre o curral e o ditto olival E do sul com caminho que vay do curral para o posso dos gafos ⁽¹²⁵⁾ o qual traz Jorge Alberto framengo & paga de foro a safra a saber de dous em dous annos trez cantaros dazeite e he a primeira pessoa E do Levante parte com orta de Francisco nunes e com o ditto Fernão dalvaes portugual o qual he de Sancta Cruz como dito he ⁽¹²⁶⁾

1420 — caminho que bae pera sam lazaro (Idem, n.º 662);

1440 — caminho publico que vay pera sam lazaro (Idem, n.º 638);

1440 — a cerqua de sam lazaro da dita cidade a par de bemfica que parte com caminho do concelho que vay pera o dito sam lazaro (L.º X da Extremadura, fl. 81);

1489 — caminho que vay pera Sam Lazaro (Santos, n.º 592);

1503 — caminho do concelho que vay ter a sam Lazaro, L.º IX, Extremadura, fl. 154);

1510 — caminho que vay pera sam Lazaro (Santos, n.º 671);

1514 — azinhaga que vem do poço de sã lazaro e vay ter aos canos de sam domingos (Santos, n.º 593);

1516 — travessa que saee da dita Rua direita que vay pera Sam Lazaro (Santos, n.º 1779);

1545 — caminho publico que vae da rua direita da mouraria pera Sam Lazaro (Santos, n.º 669);

1555 — Rua que vae pera Sam Lazaro (Santos, n.º 626);

1712 — rua de S. Lazaro (Corografia, vol. III, pág. 411);

1759 — rua de S. Lazaro (Mapa de Portugal, vol. V, pág. 530);

1804 — rua de S. Lazaro (Itenerario Lisbonense, pág. 32);

1915 — rua 20 de Abril (Edital de 14 de Outubro);

1937 — rua de S. Lazaro (Edital de 19 de Agosto).

⁽¹²³⁾ Em 1514 encontramos uma referênciã a um poço em S. Lázaro. Será o mesmo? — azinhaga que vem do poço de sã Lazaro e vay ter aos canos de Sam Domingos (Santos, n.º 593).

A designação do poço dos gafos demonstra-nos que êste não ficaria longe da gafaria de S. Lázaro (anterior à fundação da Nacionalidade).

⁽¹²⁴⁾ Açogue pertencente ao hospital de S. Lázaro e que deu o seu nome a todo o terreno por onde hoje se estende o Campo de Santana: *Campo do Curral*.

⁽¹²⁵⁾ Qualquer artéria paralela à futura rua de S. Lázaro ou mesmo a antecessora desta. É difficil, leitor, neste emaranhado de hortas e olivais, de vinhedos e almuinhas demarcarmos o sentido exacto dos outros caminhos que as atravessavam.

⁽¹²⁶⁾ Êste olival já em 1440 pertencia à igreja de S. Cristóvão: *horta em-*

A margem dêste lançamento está escrito:

Troucouce pelo prazo de cazas q̄ estão defronte de S. Matheus e hoje S. Camillo.

117 — *A ditto Igreja tem huã vinha com oliveiras e arvores de fruto junto com Telheiras honde chamão val danrique e dos Ameixiaes (127) e traela Anna Afonso e he a primeira pessoa e paga de foro trezentos rs. e duas galinhas por natal ou cinquenta rs. a galinha e parte do sul com Barbara Roy e da banda do Levante com Jeronimo do Rego pereira e do poente com Gaspar estes e do norte com Inez fernandes e tem de largo pella banda do Levante de norte a sul trinta varas e de comprido de Levante a ponente pella banda do sul cento e noventa e duas varas e tem de largo com huã chave q̄ semete do sul ao norte pella banda do poente sesenta varas e a ditto chave tem de largo do ponente ao Levante pella banda do norte dezavove varas com o valado. E mora a porta de Sancta Catharina.*

118 — *A ditto Igreja tem hum olival q̄ esta na freguesia de nossa S.^a dos Olivais (128) que he partido em duas partes a saber huã dellas esta dentro na quinta de Xpouão Royz que todolas partes entesta e parte com a ditto quinta*

prazada e almoinha com suas casas que soya de trazer ho ospital dos meninos que he acerquã de sam lazaro da dita cidade a par de bemfiqua (artéria que corresponde hoje, sensivelmente, à rua do Benfornoso) que parte com caminho do concelho que vay pera o dito sam lazaro de hũa parte. E de outra com caminho e almoinha que soya de trazer martins martyres E com olival de Sam Christovam (L. X, Extremadura, fl. 81).

Em 1502 aparece-nos uma outra referência: ...*partem de hũa parte com caminho do concelho que vay teer a sam Lazaro e da outra com caminho e orta da igreja de sam Lourenço e por de tras com olival de sam Christovam e per diante com a dita rua de Benfica (L. IX, Extremadura, fl. 15 v.).*

(127) O sr. Pastor de Macedo, no vol. IV da *Lisboa de Lés a Lés*, a pág. 11, quando se refere à *Estrada de Malpique*, escreve: *Freguesia do Campo Grande. — Tirou o nome de uma quinta que já existia em 1675 no sitio da Palma de Cima e que se denominava de Malpica. Em 1714 pertencia a Manuel de Moura Delgado, casado com D. Inez Josefa de Lima e ali lhes nasceu uma filha que foi baptizada com o nome de Teresa, na parochial do Campo Grande em 18 de Fevereiro. Esta mesma quinta, segundo supomos, denominava-se em 1867 quinta dos Ameixiais de Santa Rita de Malpique e em 1898 simplesmente de Santa Rita de Malpique.*

Pela transcrição que fazemos dêste lançamento prova-se a existência da designação de *Ameixiais* já em 1539 e no lançamento n.º 132 a do nome *Malpique* e *Val danrique*? Sobre êste topónimo nada podemos informar.

(128) Já existia pelo menos esta freguesia no ano de 1420 (Vieira da Silva, in *As freguesias de Lisboa*, pág. 67) porém, só aparece mencionada, como fazendo parte dos *Julgados* dos termos de Lisboa, na lei de 20 de Agosto de 1654.

Pertence actualmente ao concelho de Lisboa, onde foi incorporada por força do decreto de 18 de Julho de 1885, ficando nessa altura parte do seu território (além da estrada de circunvalação) anexado à freguesia de Sacavém, do concelho de Loures.

a sy da parte do norte como do sul e do Leuante e ponente porq̃ este pedaço esta na ditta quinta junto das cazas e tem vinte e hum pes de oliveira entre grandes e pequenas e tem de largo de marquo a marquo do norte ao sul pella banda do Leuante quarenta e quatro varas e de comprido de norte ao sul pella banda do ponente setenta e quatro varas.

119 — tem outro pedasso q̃ esta fora da quinta e parte com bens e herança de Fernão Caldeira e com caminho e serventia que vay para fonte de Lecea ⁽¹²⁹⁾ e moinhos de Dom Gracia e tem este pedasso quarenta e nove pes de oliveiras antre grandes e pequenas e estacas e he de comprido do Leuante ao poente pella banda do norte setenta e huã varas e mea e tem de largo de norte a sul pella banda do poente cinquenta e nove varas. Estes ambos olivais traz Jeronimo Lopes escriuão ante os vigarios e para de foro dous cantaros e meo dazeite de dous em dous annos e he a pr.^a pessoa.

120 — A ditta Igreja tem huã vinha nos cadafaes junto da Castanheira ⁽¹³⁰⁾ o qual traz Manoel Vaz morador no ditto logar da Cadafaes E paga do Censo duzentos e oytenta oyto rs. e tem de comprido do norte ao sul cento e dezoito varas e de largo do poente ao Leuante quarenta varas do norte parte com azinhaga q̃ he caminho deserventia do poente parte com a vinha que Diogo Pereira tem e de banda do sul parte com uestrada q̃ vay para a Castanheira e da banda do poente parte com Dona Isabel com huã sua vinha a qual vinha de Manoel Vaz tem seis figueiras e seis ameixieiras e quatro oliveiras e huã sorueira.

121 — traz o ditto Manoel Vaz outra courela de vinha pequena com huã poço que foy de nora e tem de comprido do norte ao sul vinte varas e do poente ao Leuante outras tantas de largo E tem tres figueiras e seis ameixieiras e huã oliveira da banda contra a estrada que vay para a castanheira. E parte da banda do sul com vinha do ditto Diogo Pereira. E do poente com vinha de dona Isabel e paga o sobredito danbas de duas da censo.

122 — A ditta Igreja tem outra vinha no ditto logo de cadafaes que traz Diogo pereira e tem de comprido do norte ao sul setenta e quatro varas e de largo do poente ao Luante setenta e seis varas e parte da banda do norte com

⁽¹²⁹⁾ Ver nota n.º 111.

⁽¹³⁰⁾ A freguesia de Cadafaes pertence ao concelho de Alenquer e tem como orago Nossa Senhora da Assunção (anteriormente Nossa Senhora das Candeias ou do Azambujeiro. A igreja parochial é posterior à data dêste Tombo, pois foi fundada em 1550 por Vasco de Carvalho.

Castanheira (orago S. Bartolomeu) é das povoações mais antigas do país. Segundo rezam as crónicas, foi dada por D. Afonso Henriques em 1174 aos estrangeiros que o auxiliaram na tomada de Lisboa. Sôbre a história destas freguesias pode o leitor consultar Carvalho da Costa (*Corografia*, tãmo III) e Pinho Leal (*Portugal Antigo e Moderno*, vol. II).

o cham do ditto Diogo pereira e do poente com vinha de Dona Isabel e do sul com a estrada que vai para a Castanheira E donordeste parte com a vinha do Manuel Vaz e paga da censo por São Joam duzentos e oytenta e oyto rs.

123 — Mais traz o ditto Diogo pereira hum ameixial que tem de longo pela banda do norte ao sul vinte e oyto varas e de largo do poente ao Leuante onze varas e da banda do norte parte com azinhaga que he caminho de serventia e de poente e do sul parte com delle ditto Diogo Pereira e do norte parte com a vinha de Manoel Vaz E paga da censo dambos os dittos duzentos oytenta e oyto rs.

A ditto Igreja de São Xpouão tem mais huã quinta a qual traz Dona Isabel a qual quinta esta nos cadafaes junto da Castanheira e tem as propriedades seguintes e paga da censo.

124 — A ditto quinta tem huã terra de pão a qual he comprida do norte ao sul cento e vinte e tres varas e de largo do poente ao Leuante vinte e quatro varas e da banda do norte parte cõ o Rio daruda ⁽¹³¹⁾ e do poente com terra de António Correia e do sul parte com azinhaga que he serventia e do poente com terra de Dona Isabel.

125 — A ditto quinta tem outra terra que tem de comprido do norte ao sul cento e cinco varas e de Largo do poente ao Leuante vinte e oyto varas e do norte parte com o ditto Rio darudo e do poente com terra sua e do sul com azinhaga e do poente com terra de Ant.^o Barreto.

126 — A ditto quinta tem huã vinha que tem de Largo do poente ao Leuante setenta varas e de comprido oytenta e quatro varas e da parte do norte com azinhaga e do sul com a estrada da Castanheira e do poente com Antonio Barreto e cõ Diogo Pereira.

127 — A ditto quinta tem duas courelas de vinhas e tem de comprido do norte ao sul duzentas varas e de largo cinco varas e do norte parte com a estrada que vay para a Castanheira e do poente com serventia da mesma quinta e do sul com terras da mesma quinta e do poente com a V.^a de Fernão Vaz.

128 — A ditto quinta tem huã terra de pão q̄ tem ao comprido do norte ao sul duzentas e cinquenta varas e de largo do poente ao Leuante cinquenta varas e do norte parte com vinhas da mesma quinta e do poente com terra de

(131) Não temos conhecimento da existência, actualmente, de qualquer rio com esta denominação. Rio daruda quereria dizer rio que passa na Arruda (Arruda dos Vinhos)?

A vila, cuja data da fundação ainda hoje se ignora, (Carvalho da Costa diz ter sido povoada em 1160 pelos ingleses) é, realmente, atravessada por dois rios: um o Rio Grande e o outro sem qualquer denominação.

Dom Martinho e do sul com mattos da ditta Sr^a Dona Isabel e do poente com mato seu.

129 — *A ditta quinta tem outra terra de comprido do norte ao sul cento e noventa varas e de largo do poente ao Leuante outras cento e noventa varas e do norte parte com as vinhas da ditta Dona Isabel, e do poente com seu matto e do poente e do sul com o mesmo matto e com a propria terra do ditto Dom Martinho.*

130 — *A ditta quinta tem mais huã vinha grande q̄ tem de comprido do norte ao sul duzentas e cinquenta varas e do poente ao Leuante tem de largo cem varas e do norte parte com a estrada da Castanheira e do poente com huã regeira da mesma terra e do sul com terras suas da ditta dona Izabel e do poente com outra Regueira q̄ se mete antre as suas vinhas.*

131 — *A ditta quinta tem outra vinha q̄ tem do norte ao sul de comprido duzentas e oytto varas E do poente ao Leuante de Largo setenta varas e do norte parte com estrada da Castanheira e do poente cõ o seu mato e do sul com as suas terras e do poente (?) com a ditta Regueira. A qual quinta tem huã caza terrea e huã adega e hum lagar e hum palheiro, a qual quinta paga da censo de toda a ditta fazenda atras tres mil e vinte rs. por São Joam.*

132 — *A ditta Igreja tem quatro courellas de vinhas e hum olival com doze oliveiras a saber huã vinha q̄ esta em Tilheiras honde se chama Malpica ⁽¹³²⁾ que tem de comprimento do Leuante ao ponente cento e des varas e de largo de norte ao sul dez varas E parte do Leuante com estrada pubrica q̄ vay de Lisboa para Tilheiras E da parte do sul com os herdeiros de P.^o fernandes que Ds aja de Serpa E da parte do norte com os herdeiros da Jerónimo de Proença e do poente com vinha de francisco fernandes.*

À margem vem anotado: Possue D. Braz B.^a da Sylvr.^a e esta vinha he q̄ lhe fez prazo... em 240 por se dividirem estas vinhas e o olival em trez prazos.

133 — *A ditta Igreja tem outra courella de vinha a par q̄ esta junto com o poco dos gafos e parte da banda do norte com vinha de Domingos eannes e da banda do poente com elle mesmo E do sul com vinha de francisco Homem E do poente com vinha de Catherina paes e tem de largo de norte ao sul pella banda do poente trinta varas e tem de comprido de Leuante a ponente pella banda do norte sesenta varas com arvores de fruito.*

À margem: Destas vinhas se fez segd.^o prazo ao mesmo D. Braz for.^o em 720 rs.

⁽¹³²⁾ Ver nota n.^o 127.

134 — Tem mais a ditta Igreja outra courella de vinha que tem de comprido do Leuante ao ponente sesenta e hũa varas e de largo de norte ao sul pella banda do poente de marco a marco trinta e seis varas e tem de largo do norte ao sul pella banda do Leuante quarenta varas e mea e parte da banda do norte e Leuante com Domingos annes e da banda do sul e poente a saber do sul com Francisco annes e do poente com Francisco homem.

135 — A ditta Igreja tem outra courella de olival cõ doze oliveiras parte da banda do norte e leuante e poente com guimar de Payua e do sul com Frc.º da Sylva, e tem de comprido do poente ao Leuante trinta e oyto varas e de largo do norte ao sul quatorze varas. Estas quatro courellas tras Catherina Aluso moradora em Alvalade o grande ⁽¹³³⁾ molher que foy de Alvaro Perez e he a segd.ª pessoa e paga de foro em cada hum ano quinhentos rs. e hũa galinha.

Nota escrita à margem deste lançamento: Neste olival se fez tercer.º prazo ao mesmo D. Braz for.º em 240 rs. e fica dentro na sua qt.ª e hoje he vinha e as medições dos 3 prazos e confrontaçoes constão da escritura.

136 — A ditta Igreja na ribeira de Odivelas ⁽¹³⁴⁾ onde chamaõ o Rabel ⁽¹³⁵⁾ junto com os Pombais ⁽¹³⁶⁾ huã vinha que tem de largo do Leuante ao ponente pella banda do norte vinte e huã vara e mea E tem de comprido do norte ao sul pella banda do poente duzentas e quarenta e huã varas do Marco até o Rio, com

⁽¹³³⁾ O actual Campo Grande. *Campo d'Alvalade, o Grande*, já nos aparece em 1520 (L.º III de *Emprazamentos*, fl. 44) e o nome *Al Valade* em 1218 numa carta de doação de D. Afonso II ao pedreiro Mendo: *circa torrentem minoris (alvaladi)* (Chancelaria de D. Afonso III, maço 12 de Forais antigos, n.º 3, fl. 41).

⁽¹³⁴⁾ A freguesia de Odivelas é antiquíssima, escreve Pinho Leal, (*Portugal Antigo e Moderno*, vol. 6, pág. 206) sem que, contudo, nos conduza no rasto de uma possível marcação da época a que remonta a sua fundação.

No diploma de 20 de Agosto de 1664 — o primeiro que enumera as freguesias do termo de Lisboa — cita-se o lugar de Odivelas como freguesia e com a invocação do *Menino Jesus*. Em 1836 fazia parte das 22 freguesias que constituíam o termo de Lisboa (Divisão Administrativa de 5 de Novembro de 1836, in *Colec. de Leg.*, vol. 43) e por decreto de 11 de Setembro de 1852 passou a fazer parte do concelho de Belém, então criado. Pela reforma administrativa do Município de Lisboa de 1885 (carta de lei de 18 de Julho) foi incluída no concelho dos Olivais. Pertence actualmente (1944) ao concelho de Loures.

A ribeira aqui citada será a ribeira de Caneças?

⁽¹³⁵⁾ Não conhecemos documento algum que nos elucide sobre o lugar ou lugarejo que o *tombo* designa por *Rabil*. Consultado o *Portugal Antigo e Moderno* (tomo VIII, pág. 41), somente logramos saber que *Rabel* ou *Rabil* — português antigo — é o mesmo que *arrabil*, *pequena rabeca*, usada pelos pastores; e que na *nossa ilha da Boa-Vista (Cabo Verde)* há uma freguesia chamada *Rabil*. Nada mais sabemos.

⁽¹³⁶⁾ Lugar da freguesia de Odivelas, segundo nos diz Carvalho da Costa (*Corografia*, tomo III, pág. 640).

seu canaueal do marco q̄ esta en ssima tirando destas varas assima dittas a largura do caminho q̄ vay dos pombais para payam e corta a ditta courella por meio e parte do Leuante ao ponente pella banda do sul vinte varas e mea com seu canaueal e parte do Leuante a ponente e norte com terra do casal de Pombaes e do sul com ribeira de Odivelas.

137— No ditto Loguo ⁽¹³⁷⁾ do o Rabil apar desta tem a ditta Igreja huã courella que he ametade vinha e outra metade de pão com seu canaueal tem de largo da banda do norte seis varas e de comprido de norte ao sul duzentas e vinte e duas varas e tem de largo da banda do sul oyto varas e mea onde esta a vinha e entesta com caminho que vay dos Pombaes para payão e parte do Leuante e ponete e do norte com vinha e terras do mosteiro do Divellas e com a Ribeira e do Leuante com vinha do Hospital de El-Rey ⁽¹³⁸⁾ q̄ traz João Luiz E com vinha de Thome Aluso e terra de payão da banda do Leuante com Antonio Luiz e das outras partes parte com terras de Martinho q̄ traz Aluaro Aluso e com vinho dos herdeiros do Brandão e trallas Fernão bras morador em triache ⁽¹³⁹⁾ junto do ditto mosteiro do divellas e he a primeira pessoa E paga seis alq^{as} de trigo e tres galinhas e dous frangoos.

138— A ditta Igreja tem no limite de Ranhos ⁽¹⁴⁰⁾ onde chama a Eyra huã terra e parte do Leuante e norte com casal da Capella do penho João Afonço E do poente ao sul com Dinis Aluso e he de comprido do sul ao norte cento e quarenta e cinco varas E de largo da banda do norte doze varas E no meo quatro varas E no fundo da banda do sul cinco varas.

139— No mesmo Loguo tem a ditta Igreja huã tapada que tem de comprido do Leuante ao ponente quinze varas e de Largo do norte ao sul oyto varas e parte do sul com Catherina Aluso do baço e do sul com Luiz dias e do poente E leuante com rio.

140— A ditta Igreja tem outra terra no mesmo loguo onde chamaõ monte grande parte do Leuante com fernão esteves E com valentina aluso E do poente parte com terra de Santo Espirito e tem de comprido do sul ao norte cento e duas varas E no cimo pela banda do sul de largo dezoito varas.

⁽¹³⁷⁾ Vocábulo pouco usual. *Sítio* ou *Lugar*, (designação latina — *locus*).

⁽¹³⁸⁾ Hospital de S. Denis, fundado em Odivelas pelo rei D. Denis (*Revista Municipal*, n.º 10, pág. 11).

⁽¹³⁹⁾ Carvalho da Costa (*Corografia*, vol. II, p. 64), escreveu *Trigache* — lugar de Odivelas.

⁽¹⁴⁰⁾ Arranhol (S. Lourenço de Arranhol) freguesia do tẽrmo de Lisboa (só aparece como tal em 1822, pois anteriormente a esta data, embora existisse como freguesia, não era sede de *Julgado*).

A igreja paroquial de S. Lourenço de Arranhol está em lugar alto, huã legoa da Sapataria para o Nascente; he Curado anexo á Igreja de S. Christovão de Lisboa, Carvalho da Costa, *Corografia*, tomo III, pág. 611).

141 — A ditta Igreja tem huã terra na dos Eyros freguesia de Santiago.⁽¹⁴¹⁾ que parte do norte com terras de huãs orfaãs que vivem nalverqua⁽¹⁴²⁾ do sul partem com terra de Lançarote paêz armeyro e tem do Leuante ao ponente cinquenta e três varas e do norte ao sul dambos os cubos dez varas.

142 — A ditta Igreja tem outra terra no ditto loguo da dos Eyros tem de comprido do sul ao norte setenta e quatro varas e da banda do norte de largo quarenta e quatro varas e do Leuante ao ponente pella banda do sul noue varas e parte do Leuante com casas do ditto lugar e com Rosio e do norte com Diogo frz de bacelos.

143 — A ditta Igreja tem outra terra no Leuante da Ranhos onde se chama a Rotea⁽¹⁴³⁾ parte do norte com herança de Frc.^o fernandes e do sul com casal do contador Antonio fialho e do Leuante ao ponente cento e sessenta e duas varas e no cimo da banda do Leuante varas.⁽¹⁴⁴⁾ e em baixo de largo da banda do poente des varas e todas estas seis terras a saber do Limite de Arranhos e da dos Eyros tras João Afonso a cipreste e paga oyto alq.^{tas} de trigo e duas galinhas e he a primeira pessoa.

144 — A ditta Igreja tem huã terra de pão com oliueiras em carnide⁽¹⁴⁵⁾ he de comprimento do Leuante ao ponente pella banda do norte sesenta e huã varas e mea e de largo de norte ao sul pella banda do poente cinquenta e duas varas e parte do norte com a ribeira e vinha de João chaão e com vinha de Vasco Rois e do Leuante com vinha de Pere annes Cerrieiro e do poente e do sul com caminho publico q̄ chamaõ Azinhaga dos Moinhos. E trala Braz Martins⁽¹⁴⁶⁾ e he a primeira pesoa. E paga por natal cem rs e mora ao pico.

145 — A ditta Igreja tem em a freguesia de Nossa S^{ra} da Ajuda⁽¹⁴⁷⁾ em o

⁽¹⁴¹⁾ Freguesia de Santiago dos Velhos.

⁽¹⁴²⁾ Alverca, vila pertencente ao concelho de Vila Franca de Xira. (Ler em Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, vol. I, pág. 177, a origem desta vila).

⁽¹⁴³⁾ Não temos conhecimento de nenhuma aldeia, no têrmo de Lisboa, com êste nome. *Arroteia* significa: terra cultivada de novo.

⁽¹⁴⁴⁾ Não indica, por lapso, o número de varas.

⁽¹⁴⁵⁾ Diz-nos Pinho Leal (*Por. Ant. e Mod.*, vol. II, pág. 114), não sabemos com que fundamento, que Carnide (S. Lourenço) data, pelo menos, de 1394. É uma das freguesias enumeradas no primeiro diploma que estabeleceu o Têrmo de Lisboa e os *juçgados* por que era composto. (Lei de 20 de Agôsto de 1654).

⁽¹⁴⁶⁾ Será êste Brás Martins descendente de Pedro Martins de que nos fala Carvalho da Costa (*Corografia*, tómo III, pág. 643) como tendo sido a pessoa que fundou a capela de N.^a Senhora da Luz no sítio da Fonte do Machado, *cuja água tem muita virtude para os doentes dos olhos?*

⁽¹⁴⁷⁾ O distrito da freguesia da N.^a S.^a da Ajuda era um dos mais extensos do têrmo de Lisboa e só em 1885 (carta de lei de 18 de Julho) passou a fazer parte do concelho desta cidade.

Rio Sequo ⁽¹⁴⁸⁾ hũ pumar que he de comprido de norte ao sul com seu cotouelo da banda do Leuante cento e sesenta e cinco varas e da banda do poente de comprido outras tantas e de largo do Leuante ao poente pella banda do sul cinquenta e cinco varas e da banda do norte de largo dezoito e parte de todas partes assy do norte como do poente e com o Sul e com Leuante com terras da Capella de Dom Dioguo E trallo Jeronimo frz Laurador que mora nas casas do dito pumar E paga do censo cinquenta rs por são martinho.

146 — A ditto Igreja huã terra de pão q̄ esta onde chamão as oliueiras ⁽¹⁴⁹⁾ no termo desta cidade freguesia de Nossa S^a da Ajuda item de comprido da banda do norte do Leuante e do poente duzentas e oytenta e quatro varas. E parte desta parte do norte com terras de Dom Duarte E da banda do Leuante do norte ao sul cento e quarenta e quatro varas de largo e desta banda do Leuante parte com P.^o Aluso de Pauya e com Luiz carrasco e com caminho e seruentia E pella banda do sul do norte ao poente de largo oytenta e tres varas E parte da banda do sul E poente cõ terra de nossa S^a da ajuda e tem de comprido pella banda do sul do poente e Leuante duzentas e oytenta e quatro varas e desta parte do sul parte com Anna braz e do poente com caminho da fonte e desta banda faz hum cotouelo que tem vinte e cinco varas e trala Phelippe Martins E paga por São Miguel trinta e dous rs em fatiota.

147 — A ditto Igreja tem huã vinha com uinte pes de oliveiras alem de São Sebastião contra palma onde chamão as picoadas ⁽¹⁵⁰⁾ junto da quinta dafonço Botelho meyrinho da corte a qual he de largo cinquenta varas do norte ao sul pella banda do poente e de largo do Leuante ao ponente pella banda do Sul trinta e quatro varas e terça e de largo do Leuante ao ponente pella banda do norte trinta varas e de comprido de norte ao sul pella banda do Leuante quarenta e nove varas e parte do sul com herança da ditto quinta a qual traz marcos fernandes escriuão que foy dante o Vigario do S^a Arceb^o desta Cidade ⁽¹⁵¹⁾ e paga de foro cem rs e duas galinhas e he a segunda pessoa.

A margem está escrito: Este prazo foy amortizado p^or Provizão de S. Em^a e por escr.^a q̄ laurei em 22 de Março de 1764 em minhas notas a favor de Fern.^{do} Mez Fr^o de Andrade e Castro Lx e Santa Justa o Tabã.^o Ignacio Malh^o e Mello.

148 — A ditto Igreja tem hũ asentamento de casas com pumar detras dellas

⁽¹⁴⁸⁾ Não será este o local que nos nossos dias é conhecido pelo Vale da Sacôta. A própria designação de rio seco não nos indica que corria por lá qualquer braço do Tejo já em 1539 desaparecido?

⁽¹⁴⁹⁾ Lugar da antiga freguesia da Ajuda.

⁽¹⁵⁰⁾ Um documento de 1549 (L.^o LXXXIV de S. Vicente, fls. 329) igualmente nos fala deste topónimo: *Picoa termo da dita cidade...*

⁽¹⁵¹⁾ Era o Infante e Cardial D. Afonso, filho terceiro de D. Manuel I; a ele se deve a elaboração dos registos paroquiais.

acima do mosteiro de chellas onde chamão malpudos ⁽¹⁵²⁾ com hum cerrado de vinhas e oliual o qual he de comprido de norte a sul pella banda do Leuante com hua chaue a qual he pella banda do norte para ssima do ditto cerrado cento e sesenta varas e decima da ponta que mete contra o norte de Largo do Leuante ao poente noue varas e de comprido do norte ao sul pella banda do poente da chaue que mete acima pella banda do norte cento e sesenta e tres varas e a ditto chaue he de largo do Leuante ao ponente pella banda do norte trinta e tres varas e de largo do Leuante ao ponente por bayxo pella banda do sul cento e cinquenta e seis varas E parte por esta parte com oliual de São Miguel e cõ oliual da Magdalena e parte para cima da banda do Leuante do norte ao sul com vinha de São Vicente de fora e do poente com vinha de Sancto Eloy q̄ vay ao Longo dazinhaga. E tralla Frc.º Raposo e paga cento e oytenta rs e duas galinhas por paschoa e he segunda pessoa.

149 — Aditta Igreja tem huã courela de vinha com aruores de fruto e com oliueiras em Varatojo e tem de comprimento do norte ao sul pella banda do Leuante cento e treze varas e de largo do Leuante ao ponente pella banda do sul quarenta e seis varas de comprido do norte ao sul pella banda do poente cento e dez varas e de Largo do Leuante ao ponente pella banda do norte trinta e oyto varas e parte do Leuante sol e norte com erança de molher q̄ foy de Ant.º Lobo por nome Mecia e do poente com vinha de Jorge frz a qual traz a ditto molher que foi do ditto Antonio Lobo Macia Lopes e mora em alvalade o g.º e paga por natal cento e trinta rs e duas galinhas e he a terceira pessoa.

150 — A ditto Igreja tem alem do mosteiro da Nossa S.ª da Graça huã oliual e he de comprido do norte ao sul pella banda do poente cento e dez varas e desta banda parte com oliual do dito mosteiro e de largo do Leuante ao ponente pella banda do norte tem des varas e desta banda parte com Izabel gramaza e he de largo do Leuante ao ponente pela banda do sul ao longo do caminho q̄ chamão a carreira dos cegos quinze varas e do Leuante parte com oliual de Sancta Anna de Coimbra.

151 — A ditto Igreja tem outro oliual onde chamão a cabeça dalperche ⁽¹⁵³⁾ junto da quinta que foy de Fernão Roy dalmeida e he de comprido de norte ao sul pella banda do poente cento e quarenta varas e de largo do Leuante ao ponente pella banda do norte cinquenta e oyto varas e parte do Leuante com oliualda da see q̄ tras catherina frz e do poente com os herdeiros de mestre Pedro e do norte

⁽¹⁵²⁾ Desconhecemos tal designação.

⁽¹⁵³⁾ No Index das notas de vários tabeliões de Lisboa, entre os anos de 1580 e 1747, pág. 9, aparece-nos a renovação dêste prazo: Renovação de prazo p.º Prior e Beneficiados de S. Cristovão a Franc.º Tavarez T.ºm e a sua m.ºr m.ª do Lago f.º do cop.ºm P.º Frz do Lago m.ºr a Penha de frança de prazo no d. sitio onde chamam Cabello de Alperche em 16 de Abril de 1648.

com caminho que vay da Cid.^a p.^a o poço dos mouros e do sul com os herdeiros de Jorge frz. Os quaes dous oliuais tras Thome da Costa filho de xpovão diz q̄ ds tem escriuão q̄ foy dante os vig.^{ros} e he a segunda pessoa e pagua por Paschoa cento e setenta rs e duas galinhas.

152 — A dita Igreja de São xpouão tem outro oliual que he en cima alem denzobregas ⁽¹⁵⁴⁾ o qual tem de comprido do Leuante ao ponente pella banda do sul duzentos e trinta e duas varas e tem de largo do norte ao sul pella banda do Leuante cento e quarenta e seis varas e parte com oliual de Sancta Maria da Graça q̄ tras Gonçalo Gomes e do Leuante com azinhaga publica e com courela de São Jeronimo e cõ oliual da see e com courela de P.^o Afonso, o qual oliual ora traz mestre Gil surgião mor del Rey nosso S.^{or} E pagua por são Miguel trezentos e sete rs e he em fatiota.

153 — A ditta Igreja tem huas cazas que ora estão deribadas em Sancto Ant.^o do Tojal ⁽¹⁵⁵⁾ junto do ditto Lugar que são de comprido do norte ao Sul pella banda do poente e pella banda do Leuante onze varas e de Largo do Leuante do poente sete varas e parte da banda do poente com cosmo annes e de banda do sul com xpouão de Mello genro do Doctor Jeronimo pais q̄ Ds tem e da banda do Leuante e poente com caminhos publicos q̄ são seruentias do ditto Lugar E trallas o ditto xpouão de Mello e paga de censo por natal sesenta rs.

154 — A ditta Igreja tem hum oliual antre a madre de Ds e Sanctos e nouo dentro da quinta de Dona M.^a de Noronha molher que foy de P.^o da fONSECA que he de comprido do norte ao sul vinte e duas varas pella banda do poente e da banda do Leuante outro tanto e de Largo do Leuante ao poente pella banda do norte seis varas e mea e de largo da banda do sul sete varas e mea e da banda do Leuante e do norte e do sul parte com a ditta quinta e do ponente com Philipa frz molher viuua. E a ditta Dona Maria traz o ditto oliual e pagua de censo por natal cento e cinquenta rs e foy a ditta Dona Maria e o Juiz das orfaõs desta Cidade presentes ao medir e tem seis oliueiras.

155 — A ditta Igreja tem hum pumar com aruores de fruito na dos dos-calvos na Ribeira de Loures onde esta hũa Hermida q̄ se chama Nossa Senhora a Redonda ⁽¹⁵⁶⁾ a baixo das cazas do ditto lugar q̄ tem de comprido de marco o

⁽¹⁵⁴⁾ Xabregas.

⁽¹⁵⁵⁾ Aparece-nos como freguesia do tẽrmo de Lisboa em 1654 (carta de lei de 20 de Agõsto).

⁽¹⁵⁶⁾ Carvalho da Costa (*Corografia*, tẽmo III, pág. 615) refere-se dẽste modo à aldeia dos Calvos e à Ermida de que nos fala o Tombo: «na Aldea dos Calvos está a quinta do conde de Valladares, D. Miguel Luiz de Meneses, com hũa Ermida de N. Senhora a Rotunda, ou da Redonda, feyta á imitação doquele templo, & Panteon, que antiguamente fundou com grande magnificencia & sumptuosidade Marco Agrippa, cidadão Romano, & o dedicou a Jupiter & Minerva,

marco do norte ao sul pella banda do Leuante cinquenta e cinco varas bem medidas e de Largo do Leuante ao ponente pella banda do sul de marco a marco seis varas e terça e de comprido do norte ao sul pela banda do poente cinquenta e cinco varas de marco a marco e de largo do Leuante ao poente pela banda do norte de marco a marco seis varas e terça bem medidas e parte da banda do Leuante e poente com herança de Gracia homens, e com Braz dias filho de Jeronimo Matheus e da banda do sul com pumor de Alvaro da Cunha que agora traz Jeronimo Antonio filho de Antão Afonso. E trallo Alvaro Afonso, cirieyro e paga com rs e não tem titulo.

Titulo das Propriedades da Ranhos

156 — A dita Igreja tem hũ acento de Cazas e são tres cazas terreas e são de Largo do Leuante ao poente treze varas e de largo de norte ao sul tres varas varas e mea e hũ cerrado diante da porta feito entriangolo a saber diante da porta tem quatorze varas de comprido e da banda do sul parte casal de chellas q̄ tras afonso annes e de largo outras tantas varas e de banda do Leuante parte com caminho q̄ vay p.^a a Igr.^a no qual acento pouzarão sempre os padres capellaens e agora pouse o padre cura presente q̄ serve na ditta Igr.^a de Ranhos (157).

157 — Tem mais hum pardieiro dentro do ditto Lugar que parte da banda do poente com H^ospital (158) do ditto Lugar e da banda do Leuante com casas de P.^o frz Cartaxo. E do norte com terras lauradas de Ruy Dias e do sul com rua publica e tem de comprido do Leuante ao poente seis varas e de largo do norte ao sul tres varas e mea e esta sem aforar.

Em termo de Sintra

158 — A ditta igreja tem hũ casal de terras de pão em cabrela (159) termo de Sintra q̄ tem de comprido de norte ao sul sesenta varas e de largo do Leuante ao poente quarenta e cinco varas e a casa do ditto casal de hũa só caza terrea e

é a todos os falsos & fingidos deoses; q̄ isto quer dizer o nome de Panteon, que he o mesmo, que Casa de todos os deoses. Era este templo de forma rotunda, donde a Senhora tomou a invocação & o dedicou depois a Maria Santissima & a todos os Santos o Papa Bonifacio IV.

(157) Na nota 140 já informámos o leitor que a Igreja Paroquial de S. Lourenço de Arranhol era Curado anexo à Igreja de S. Cristóvão o que justifica a asserção feita neste Item.

(158) Só temos conhecimento da existência de um hospital na freguesia da Sapataria: Hospital do Santo Espírito da Sapataria para doentes e peregrinos (Revista Municipal, n.º 10, pág. 11, artigo do dr. Fernando da Silva Correia).

(159) Cabrela é um pequeno lugar da freguesia da Terrugem (Vila de Cintra).

tem quatro varas ao comprido do norte ao sul e quatro de largo ao Levante ao ponente e as terras parte da banda do norte com cerrado de Francisco Pimentel E traz Maria Gonçalves q̄ esta em fraudes e paga duzentos e cinquenta e quatro rs da censo e hũa sua Irmã que mora alem dos Sanctos o velho paga o ditto acenso por ela.

159 — Dom Bras genro de Alvaro frz q̄ foi chanceler esta em posse de pagar a ditto Igreja por São João digo São Martinho cento e oytto rs da acenso de hũ oliual e nõ se sabe delle nem a Igreja que o oliual he e honde esta somente esta algr^a em posse de receber o ditto acenso.

160 — Nicolao dalter paga a Igreja de huã terra alem de São Roque nõ se sabe qual he porem a Igreja esta em posse por sentença e paga da censo por São Martinho vinte e sete rs por a terra andar mistiga cõ as suas.

**Titulo da fazenda q̄ tras Estevão Dias ahonde chamam
Castello picão ⁽¹⁶⁰⁾ desta Cid^e de Lx^e antre Sacavem
e a dita Cid^e de Lisboa**

161 — A ditto Igreja tem hũ olival q̄ se chama val dalcaide tem de norte ao sul pella banda do Levante E poente ao comprido cento e quinze varas do Levante ao ponente e parte da banda do norte com olival digo da banda norte com Ant. Luiz Licenciado e da banda do poente com olival de P.^o de Mendanha o qual traz Grimanesa Teixeira e da bando do Sul com caminho publico do Levante cõ outro caminho publico.

162 — Tem a outra courella de pumar E olival do Levante ao ponente tem ao Longo vinte e quatro varas do norte ao sul e ao comprido cento e sesenta varas e da banda do norte parte com o dito Antonio Luiz e do poente com caminho publico e do sul com olival e vinha de Antonio Luiz e do Levante com faz^{da} do dito Estevão dias.

163 — Tem outra courella dolival e tem ao comprido cinquenta varas e de largo vinte e sete e da banda do norte parte com Ruy dias dazevedo e do poente

⁽¹⁶⁰⁾ Lugar de Milharado (S. Miguel de Milharado). Em Lisboa, a rua de Castello Picão (Séc. XV) — mais tarde denominada de João Fogaça — discorria na freguesia da Sé. Comunicava com a calçada que sobe para o Castello (Livro 4.^o de Assentos, fl. 133, onde se determina que em virtude do impedimento da passagem de coches e liteiras na rua de João Fogaça (Castello Picão) esquina da casa de D. Felipe de Sousa se deitasse esta abaixo, dando-lhe em troca uma casa na calçada que sobe para o Castello). Sôbre esta artéria pode o leitor ler o trabalho do Sr. Pastor de Macedo, *Lisboa de Lés a Lés*, vols. I, II e V.

com nossa S.^a da Graça e do sul com Antonio Luiz e do Levante com o ditto Ant. Luiz e esta fazenda sobredita traz o ditto Estevão dias da ditta Igreja e he obrigado a pagar o ditto Estevão dias doze missas rezadas a saber tres por os Santos e tres por natal e tres por Paschoa e tres por Pentecoste a trinta rs. por missa e por falecimt.^o delle fica a ditta fazenda aos herdeiros do Esmoler Marcos Esteves q̄ foy del Rey nosso S.^{or} e he acenso.

164 — Afonço gomes carpinteiro he obrigado a mandar dizer na ditta Igreja huã missa rezada cõ festa cõ pão e vinho por dia detodolos sanctos pella alma de M.^a Roiz sua molher q̄ Ds aja e pera ella deixou obrigadas huãs cazas q̄ estão em huã rua publica que vay de São xpouão para as fontainhas e são de comprimento do norte ao sul sete varas asy da banda do Levante como poente e de largo do Levante ao poente tres varas asy da banda do norte como do sul e agora pagou o ditto afonço gomes o qual tem o testamento pubrico e partem as cazas da banda do sul e poente com ruas publicas e do norte e Levante com casas da ditta Igreja.

165 — Dona Maria molher que foy do contador mor he obrigada amandar huã missa cantada pellos sanctos pella alma de Guiomar eannes e paga cem rs por ella e ofertada com pão e vinho.

Todas as missas das capellas se paguão a trinta rs desmola por missa rezada.

**Titollo das pessoas e defuntos de q̄ elles são obrigados de dizer missas em a ditta Igr^o pellas almas de seus defuntos
E porq̄ dias de que elles são admynistradores. ⁽¹⁶¹⁾**

He obrigado fernão Lopes de Serpa amandar dizer pella alma de Ines Esteues huã missa rezada e paga trinta rs por ella.

He obrigada amandar dizer a molher q̄ foy de P.^o frz de Serpa pellas almas de Izabel de Serpa E sua may E avo pellos bens queficaram nesta Cidade e naruda huã missa cantada ofertada com pão e vinho por dia de nossa Sra dagosto e assi por as festas de nossa Sra huã missa rezada em cada festa. O Espital de todos los Sanctos desta Cidade he obrigado a pagar cento e quatro missas ametade cantadas e ametade rezadas pellas almas de João Afonço çapateiro de Correa e de sua molher q̄ jazem na ditta Igreja. Mais he obrigado o ditto Hospital a pagar como administrador huã capella inteira tirando cînquenta e duas missas que se dizem

⁽¹⁶¹⁾ Este título e os que a êste se seguem deixam de ter o interêsse topográfico e toponímico dos anteriores; contudo, parece-nos razoável continuarmos na transcrição do Tombo, pois daremos, assim, na íntegra, publicidade a um documento de vasto interêsse olisiponense.

aos sabbados cantadas de nosa Sra pella alma de Diogo Ayres q̄ jas na ditta Igr^a e paga as missas rezadas a trinta rs e as cantadas a sesenta rs ⁽¹⁶²⁾.

E o filho de Martim Afonso de Miranda he obrigado amandar dizer huã capella e mea pella alma do Arcebispo Dom Martinho que jas na ditta Igreja de que elle he admynistrador e o ditto filho de Martim Afonso paga a ditta capella e mea por cada missa trinta rs. ⁽¹⁶³⁾.

Damião de Brito he obrigado a mandar como administrador huã mea capella na ditta Igr.^a pela alma do ditto Dom Martinho arceb.^o que jaz na ditta Igreja E elle ditto Damião de Brito ea paga E paga por cada missa a trinta rs.

João Mendes de Oliu.^a neto de D. Diogo he obrigado a ter hũ capellão cotodiano que diga missa na ditta capella E o dito capellão he obrigado ao coro.

Jorge Alberto he obrigado amandar dizer huã missa rezada em Mayo por defuntos e paga 30 rs.

Os quaes admynistradores são obrigados a pagar ao Thezoureiro da ditta Igreja por cada capella inteira quinhentos rs.

Titollo do Priol e Beneficiados da ditta Igr^a Hum Priol cinco beneficiados

- Item P^o Gancelues neto conego na see de Lisboa he Priol
- Item Alexandre Lopes Capella delRey e beneficiado
- Item Andre dabreu beneficiado Capellão do Cardeal Sanctiquatro
- Item Afonso Gil Capellão delRey nosso S^{or} beneficiado
- Item Ant^o de Barros camar^o do Papa nosso S^{or} Beneficiado
- Item Ant^o Roiz capellão delRey nosso S^{or} Beneficiado

E depois disto aos tres dias do mes de Julho de mil e quinhentos quarenta e sete annos pelo ditto Afonso Gil Beneficiado da ditta Igreja de São Xpouão foy dado eaprezentado amim João do Porto notario hũ instrumento das peças de prata que tem a ditta Igreja e do peso delas feito easinado por Jorge do prad. notario Apostolico com seu sinal publico escrito em pergaminho são e sem vicio e suspeição seg^{do} por elle prima facie parecia eme requereo q̄ o tresladasse neste tombo segundo forma da Constituição. Creio treslado de verbo ad verbum tal he In nomine domini Amen. Saibão quantos este prezente pubrico instrumento de fee certidão pesso e inuentario de prata da igreja de São Xpouão desta cidade virem, que no anno do nascim^o de nosso S^{or} Jesu Xpo demil equinhentos etrinta esete anos, aos vinte cinco dias domesde junho na Ciudadede Lx.^a dentro nas pouzadas de Fr^o fer-

⁽¹⁶²⁾ João Brandão (Buarcos) (Tratado etc., pág. 119), ao tratar do Hospital de Todos os Santos, diz: Tem mais esta casa, de que hé administradora em a Sé da Cidade, huã capela, e outra em São Christovão, etc.

⁽¹⁶³⁾ Na nota n.º 9 já nos referimos à existência na igreja de S. Cristóvão da capela dos Mirandas, mausoléu dos descendentes de D. Martinho Afonso Pires da Charneca.

nandes que ora tem em seu poder a prata da ditta igreja como fregues; estando hi presente Ruy dias iconomo e pricoste q̄ o ditto anno he na ditta Igreja: pelo qual foy ditto amim Notario Apostolico infra escrito que elle en cumprimento do q̄ o Cardeal Infante Nosso Sr^o manda em suas constituicoens que fizessem ste liuro do tomo da ditta Igreja para poer en elle todas as propriedades q̄ a ditta Igreja tem ,medidas econfrontadas como o ditto S^or manda em suas constituicoens, Enelle posessem opeso daprata q̄ que naditta Igreja ha assi e da maneira que aditta Igreja atem Em comprimento do qual, eu ditto Notario com odito Ruy dias prioste e com Lourenço gonçalves ourives fomos acaza do ditto Francisco Frs, oqual pezou aditta prata perante mim ditto Notario e testemunhas aodiante nemeadas. Epello sobredito Ruy Dias prioste me foy requerido q̄ delle lhe desse hum instrumento, e das pessoas q̄ erão eo que pesava cada huã dellas declarando amaneira dellas. Aqual sobredita prata he a seguinte.

— Item huã cruz toda branca com seu pe e com seu pao dentro e como pesou dezoito marcos e meo

— Tem hum (?) todo branco pesou cinco marcos e meo

— Tem hũ Relicario branquo com reliquias dentro fechadas com chave pezou cinco marcos

— Tem huã custodia toda dourada e na macã huñs esmaltes e com seus vidros pesou quatro marcos e meo

— Tem hũ caliz com sua patena tôdo dourado com seis campainhas e no pee tres escudos com as armas dos Mirandas pesou quatro marcos

— Tem duas galhetas todas douradas com os mesmos escudos dos mirandas pesarlo hum marco, quatro onças e seis oytavas

— Tem hũ cales com sua patena todo dourado com huns esmaltes nos canos e na macã pesou tres marcos seis oitavas.

— Tem hũ calez com sua patena todo branco e tem sob o vaso huã ordens de Serafins com seus amagos pesou tres marcos e duas onças

— Tem hũ calez com sua patena todo branco e tem a maça redonda pezou tres marcos

— Tem hum calez com sua patena dourado por partes pezou dous marcos esquasos

— Tem outro calez com sua patena de prata todo branco pesou dous marcos e tres outavas largas

— Item hum calez com sua patena dourado por partes e tem no pee tres cruces da trindade pesso dous marcos e meo e dous rs.

— Item outro calez do sacramento todo dourado e tem na patena huã mão pesou marco e meo e seis oytavas

— Item huã naueta toda branco com sua colher pesou hũ marco e cinco onças e seis oytavas.

Item duas coroas todas brancas huã de nossa Sr^a e outra do menino Jesu, pesarão hum marco e duas onças e duas oitavas

E por não auer mais prata na dita Igreja segundo elle ditto prioste foy ditto a mim notario me pedio dello huũ instrumento por todo assim parecer na verdade como ditto he. E eu ditto notario dou minha fee è a ditto prata se pezou por ante mim pelo qual lhe dei este instrumento, testemunhas q̃ presentes forão; o ditto Lourenço gonçalves ouriues que a ditto prata pesou e o ditto Ruy dias prioste, E diogo criado do ditto Lourenço gonçalves e Gaspar gonçalves criado de mim notario. E eu Jorge do prado q̃ ora siruo de Escrivão da Camara neste Arcebispado e notario Apostolico que este instrumento fis no ditto mes e era atraz ditto e nelle puz meu sinal publico que tal he Georgius do prado Apostolicus notarius.

As quais propriedades da ditto Igreja de São Xpouão desta Cid^a de Lx.^a eu notario abaixo nomeado com os dittos Andre dabreu e affonço Gil Beneficiados da ditto Igr^a acabamos de medir e confrontar assy e da maneira como se atraz contem bem y fielmente e uay tudo feito na verdade E por me por parte do Priol e Beneficiados da ditto Igreja no pedido delle seu liuro em instrumento publico para o terem em seu cartorio e outro para o cartorio da see desta Cid^a eu notario lho dey porq̃ certifico q̃ assi passa tudo na verdade como se atraz contem o qual vay escrito em vinte e oyto folhas como esta ⁽¹⁶⁴⁾ Testemunhas que presentes forão ao pedir deste Instrumento Francisquo ribeiro e P^o Lopes e Martin gomes clerigos de missa iconomos na ditto Igreja e outros. E eu João do porto clerigo innineribus morador na ditto Cidade le Lisboa publico por Apostolico autoridade que todo o que ditto he juntamento com os ditos Andre dabreu e Afonso Gil Beneficiados da ditto Igreja de São Xpouão presente fuy, e todo ui o ouui e entendí; medi e confrontey como atraz se contem e em face e testemunho de verdade este tombo bem e fielmente fis escrever e o calacioney e concertey com o proprio q̃ fica em meu poder escrito em letra de corrimão. E nen faço duvida nos respensados a saber / na adição de Gonçalo mendescacoto q̃ diz; da censo // e na adição de Anna Dias que diz; Anna Dias mulher que foy de Anrique esteua E paga por natal setecentos rs e duas galinhas // E na adição de Luiz Garcez que diz: da censo // E na adição de Rodrigo Aluso carrapato que diz; E trallo Rodrigo Aluso e he primeira pessoa naqual adição estão duas regras de letra mais meuda q̃ a outra. E na adição Dandre dabreu que diz; o qual pão he obrigado trazello algr^a por // E na adição de Phelipe martins que tem respencadas seis regras. // E na adição de Affonço Gomes que tem respencadas tres regras. // Porq̃ todo se fez por verdade ao concerto do proprio tombo. E por verdade asiney aqui de meo publico e costumado sinal q̃ tal he Rogado e requerido + Johãnes portuensis notarius Apostolicus. E não contem mais o ditto tombo q̃ esta em o ditto Liuro escrito em vinte e oyto folhas de pergaminho. E não faça aduvida da entrelinha a folhas dezasseis que diz sete em lugar do riscado que dia cinco. E a folhas trinta

⁽¹⁶⁴⁾ Dissemos no preâmbulo com que antecedemos a publicação dêste documento que êle constava de trinta e uma fôlhas; o Tombo fala-nos que continha vinte e oyto. Não se esqueça o leitor que o códice que anotámos não é o original mas sim uma cópia dêste: aquele teria, como anota o lançador, vinte e oito fôlhas, ao passo que a cópia tem trinta e uma.

e sete o raspado que comessa as quinze regras ate as dezasseis onde estava escrito vinte e quatro varas assendo de ser catorze varas como esta mal expresso na regra dezasseis e por isso se poz á margem quatorze o q̄ tudo se fez em fee de verdade como se ve do q̄ esta escrito no ditto sexto Livro de Tombo ao qual me remeto em todo e por todo ⁽¹⁶⁵⁾ e eu o Conego Luiz de Mattos da Silva escriuão da faz^{da} do R^{do} Cabido o fiz escreuer e tresladar bem e fielm^{te}.

Lx^a em Cabido aos vinte dias do mes de março de mil e seis senttos e setenta quatro annos.

Luiz de Mattos da Silva
Conego de Lisboa

(165) Desta palavra em diante é a letra do próprio cónego Luiz Matos da Silva que aparece no *Tombo*; êle mesmo assina o traslado do primitivo código.

Um soneto de Luís de Araújo

*Estupenda cura que acaba de fazer
o Dr. Mascaró, em presença do belo
estatuário o meu amigo Vítor Bastos*

(Extraído do *Novo Almocreve das Petas*, 1872)

O *Novo Almocreve das Petas* tem em muito respeito a pessoa do sr. dr. Mascaró, acreditado especialista de moléstias de olhos; tem a máxima admiração pelas curas maravilhosas que há conseguido fazer; mas tem também agora a franqueza desmedida de confessar aos seus amáveis assinantes, que se não lho garantisse o sr. Vítor Bastos, seu amigo e lente da Academia das Belas Artes, não se capacitava na verdade de uma estupenda cura que acaba de fazer o insigne especialista.

Vítor Bastos: — agradeço-te do coração a carta que me escreveste, participando-me a cura, não, — *o espantoso milagre de Mascaró!*

Eis o caso: Vítor Bastos tinha um amigo cego de um olho. — Lisboa inteira o conheceu sempre cego, e a mesma Lisboa em pêso não se capacitaria jamais de que houvesse alguém, que lhe fizesse ao dito olho a operação que vai ser dita.

Mas o milagre realizou-se de noite, porque Mascaró só depois da meia-noite o quis fazer.

Entre o mais profundo silêncio se restituiu a vista à notabilidade defeituosa!

A coisa foi para as bandas do Chiado... Vítor Bastos acompanhou o doutor oculista, segurou na cabeça do operado... solicitou que houvesse muita cautela em não lhe ofender a pálpebra... estremecia de susto; mas, oh!, fortuna inaudita! — Depois de soar uma ribombante martelada, doutor e Vítor Bastos exclamam:

Tem vista! tem vista! tem vista!

Não quis levar nem real o sr. dr. Mascaró por esta cura maravilhosa; mas o operado, como homem de muito saber, enviou-lhe o seguinte soneto em prova de muitíssimo agradecimento:

SONETO

*Não sei há quantos anos já não via,
Do olho que o doutor m'esfuracou!
Muito grato, deveras, pois lhe sou,
E sobretudo à sua bizzarria.*

*Que se encha Vítor Bastos de ufania,
No doutor sempre mui bem me falou,
E por vezes, por mil, m'o inculcou;
Mas confesso, confesso, estrecia.*

*Quis pagar-lhe, doutor, e foi bizarro,
Negou-se a receber os meus tostões.
Com homens grandes sempre eu esbarro!*

*Lisboa lhe fará mil ovações;
Que o conduzam em triunfante carro,
Lhe deseja o seu*

LUIZ DE CAMÕES

ESCLARECIMENTOS

Luiz António de Araújo (n. 1833, m. 1876), poeta popular e comediógrafo de peças cómicas e burlescas; autor do livro de crítica *O Novo Almocreve das Petas*.

António Vítor Figueiredo de Bastos (n. 1830, m. 1894), professor da Academia de Belas Artes, pintor e escultor, autor da estátua de Luís de Camões, em Lisboa.

D. Aniceto Mascaró y Cos. (n. 1842, m. 1906), médico oftalmologista.

Acção Cultural do Grupo «Amigos de Lisboa» durante o ano de 1944

SECÇÃO DE MOVIMENTO CULTURAL E PROPAGANDA

VISITAS DE ESTUDO

- 9 de Janeiro — As instalações do jornal «O Século», dirigida pelo sr. Gustavo de Matos Sequeira.
- 23 de Janeiro — Ao Instituto Bacteriológico Câmara Pestana, dirigida pelo sr. dr. Cândido de Oliveira.
- 5 e 12 de Fevereiro — A Cadeia Penitenciária de Lisboa, dirigida pelo sr. dr. José de Almeida Eusébio.
- 6 e 13 de Fevereiro — Ao edifício da Santa Casa da Misericórdia, dirigida pelo sr. dr. Manuel Lopes Albernaz.
- 27 de Fevereiro — Ao Albergue dos Inválidos do Trabalho, dirigida pelo sr. dr. Eduardo Augusto da Silva Neves.
- 12 de Março — À Igreja da Conceição Velha, dirigida pelo sr. Mário de Sampayo Ribeiro.
- 19 e 26 de Março — Ao Museu Nacional de Arte Antiga, dirigida pelo sr. dr. João Couto.
- 2 de Abril — À Ermida de Santo Amaro, dirigida pelo sr. Luiz Moita.
- 8, 13, 15 e 20 de Abril — Ao Museu Nacional de Arte Contemporânea, dirigida pelo sr. Romano Esteves.
- 23 de Abril — À Igreja de S. Domingos, dirigida pelo sr. José Dias Sanches.
- 28 de Maio — Ao Aqueduto das Águas Livres, dirigida pelo sr. Gustavo de Matos Sequeira.
- 11 de Junho — Ao Teatro Nacional de S. Carlos, dirigida pelo sr. Mário de Sampayo Ribeiro.
- 25 de Junho — Ao Hospital Júlio de Matos, dirigida pelo sr. Professor Henrique João de Barahona Fernandes.
- 7 de Julho — À Igreja dos Barbadinhos e Depósitos de água do rio Alviela, dirigida pelo sr. dr. Eduardo Augusto da Silva Neves.
- 23 e 30 de Julho — Ao Observatório Central Meteorológico, dirigida pelo sr. dr. Amorim Ferreira.

- 22 de Outubro — A Basílica do Sagrado Coração de Jesus, dirigida pelo sr. arq. António do Couto.
- 5 de Novembro — Às instalações das três Estações da The Anglo-Portuguese Telephone, C.^o Ltd.
- 19 de Novembro — À Igreja Paroquial de S. Nicolau, dirigida pelo sr. António Ribeiro da Silva e Sousa (Sidónio Miguel).
- 10 de Dezembro — À Igreja de Nossa Senhora de Jesus, dirigida pelo sr. Ferreira de Andrade.
- 24 e 31 de Dezembro — Ao Museu dos Serviços Geológicos, dirigida pelo sr. eng. António Viana.

DESCERRAMENTO DE LÁPIDAS

- 12 de Março — No prédio n.^o 11 da Rua dos Arameiros, assinalando o nascimento do ilustre crônista de Lisboa do século XIX, João Pinto de Carvalho (Tinop). — Conferencista Luiz Pastor de Macedo.

CONFERÊNCIAS NA SEDE

- 20 de Abril — *Monumentos de que Lisboa falece*, pelo sr. dr. Amadeu Ferreira de Almeida.
- 27 de Abril — *A Igreja de Santa Engrácia, Panteão Nacional*, pelo sr. arq. António do Couto.
- 8 de Junho — *A Provisão do Corpo de Deus*, pelo sr. Jorge Faro.
- 22 de Junho — *Ainda os Pregões Alfacinhas e os Vendedores Ambulantes*, pelo sr. Alfredo Lopes.
- 9 de Novembro — *Alfama como eu a não vejo*, pelo sr. Norberto de Araújo.
- 16 de Novembro — *«Furiosos» de há 30 anos*, pelo sr. António Ribeiro da Silva e Sousa (Sidónio Miguel).
- 23 de Novembro — *O Porto de Lisboa através os séculos*, pelo sr. José Dias Sanches.
- 30 de Novembro — *Lisboa na Sigilografia e na Filatelia*, pelo sr. dr. Eduardo Augusto da Silva Neves.

Amigos de Lisboa

*Lista dos sócios aprova-
dos durante o ano de 1944*

- 1591 — Companhias Reunidas Gás e Electricidade
- 1592 — Alfredo da Conceição, contínuo
- 1593 — José Pedro, empregado no comércio
- 1594 — Augusto Adelino Salgueiro, funcionário público
- 1595 — Alberto Alves Natário, empregado no comércio
- 1596 — Valeriano Ribeiro de Faria Abreu, proprietário
- 1597 — Dr. João do Carmo Correia Botelho, advogado
- 1598 — António Giacomo Nizza da Silva, comerciante
- 1599 — Teodoro Lobo da Cunha, empregado de escritório
- 1600 — «Os Ridículos»
- 1601 — Dr. Diniz Augusto Curson, funcionário público
- 1602 — José da Costa de Pinho Ferreira, funcionário público
- 1603 — António Napoleão, agente comercial
- 1604 — Norberto Ramos da Cruz, comerciante
- 1605 — Leslie H. Howard, empregado no comércio
- 1606 — Ludgero Crespo Amador, empregado no comércio
- 1607 — Dr. António Maximiliano Coelho Lopes de Araujo e Cerqueira, advogado.
- 1608 — Rogério Andrade, escultor
- 1609 — Lígorio Cannas S. da Silva, chefe de oficina
- 1610 — Jean Lans, industrial
- 1611 — Alvaro Baptista, comerciante
- 1612 — Vítor Marques, industrial
- 1613 — Francisco Marques Valente, comerciante
- 1614 — Calado & Sequeira, Ld.^a, comerciantes
- 1615 — Carlos da Silva Telhado, comerciante
- 1616 — Pedro da Silva Telhado, comerciante
- 1617 — José de Noronha Lisboa, empregado de escritório
- 1618 — Andronico de Sousa Mello, comerciante
- 1619 — Estêvão Guimarães, empregado bancário.
- 1620 — Mário Rodrigues Vinhas, empregado bancário
- 1621 — José de Matos Sequeira, funcionário público
- 1622 — Maria do Rosário Cardoso de Matos Sequeira
- 1623 — Gomes Barbosa, jornalista
- 1624 — D. Maria Olympia Sacadura Marques, proprietária
- 1625 — Carlos Neves Gomes, funcionário público
- 1626 — Manuel Honorato Rodrigues, ajudante de farmácia

- 1627 — Francisco António Ramos, comerciante
1628 — D. Elisa Corrêa Dias Matoso
1629 — Mário da Cunha Areias, empregado no comércio
1630 — João do Carmo Louro Goïnhas, empregado bancário
1631 — D. Ermelinda Fernandes Martins, proprietária
1632 — Mateus Firmo Moacho Gomes da Silva, empregado bancário
1633 — R. Chalon, engenheiro
1634 — Rafael Castanheiro Freire, funcionário público
1635 — Joaquim José da Silva Jácome, comerciante
1636 — José Martins de Oliveira e Costa, ourives
1637 — Raul Lopes de Oliveira, comerciante
1638 — Manuel Nóbrega, ajudante de farmácia
1639 — José Francisco Vitorino Gomes Ferreira, proprietário
1640 — Fernando José da Costa, empregado bancário
1641 — Vasco Ferreira do Amaral da Silva Lisboa, industrial
1642 — José Francisco Raimundo, empregado de escritório
1643 — José Dias Coelho, electricista
1644 — J. C. Alvarez, Ld.^a, comerciantes
1645 — Joaquim Cruces Alvarez, comerciante
1646 — Filipe Joaquim Courado, despachante oficial.
1647 — Luiz Ferreira da Silva Viana, proprietário
1648 — Francisco Henriques de Sousa, comerciante
1649 — Domingos Damasceno de Carvalho, comerciante
1650 — Dr. José Bagarim Correia Guedes, advogado
1651 — Pedro Guedes, pintor de arte
1652 — Alfredo Vitorino Costa, comerciante
1653 — António Valentim Dias, guarda-livros
1654 — Ernesto Joaquim Alves, funcionário público
1655 — Alberto Diniz Guerreiro, funcionário público
1656 — João Corvelo de Ávila, guarda-livros
1657 — José Garrido Mendes da Cruz, funcionário público
1658 — Pedro Jorge Pinto, pintor-artista
1659 — António Antunes da Costa, empregado de escritório
1660 — António Rodrigues Parreirão, empregado no comércio
1661 — Domingos Joaquim Ferreira da Silva Pereira, empregado no comércio
1662 — Dr. João António da Silva Caldeira, juiz de Direito
1663 — Hermenegildo Neves Franco, proprietário
1664 — Acácio Barreiro, proprietário
1665 — Francisco Pereira da Fonseca, proprietário
1666 — Artur Francisco dos Reis, industrial
1667 — D. Magda Maria Pinto
1668 — Dr. António de Sousa Madeira Pinto, advogado

- 1669 — José Aires de Santa Clara Gomes, engenheiro
1670 — Scott Calvin Lyon, diplomata
1671 — Pedro Sebastião, guarda-livros
1672 — Companhia de Seguros «Garantia»
1673 — José Gomes de Carvalho, comerciante
1674 — António Rodrigues, comerciante
1675 — João Baptista, industrial
1676 — Elias Moreira Mateus, estudante
1677 — Companhia de Seguros Açoreana
1678 — José Dias, empregado de seguros
1679 — Luiz Filipe Fernandes de Seixas Tomás, estudante
1680 — Companhia de Seguros Comércio e Indústria
1681 — Vergílio Soares, proprietário
1682 — Rudolf Helmuth, comerciante
1683 — Mário Ribeiro, industrial
1684 — Manuel Oliveira Miranda, empregado bancário
1685 — Pedro Armando Paty Malbouisson, industrial
1686 — Companhia de Seguros Douro
1687 — Manuel Policarpo dos Santos da Silva Pereira, estudante
1688 — David Martins Marques, comerciante
1689 — Luiz Chaves, professor
1690 — José Correia Pires, empregado bancário
1691 — Viriato Ferreira Barbosa, guarda-livros
1692 — Emílio Infante da Câmara, proprietário
1693 — Mário Soares Peixoto, industrial
1694 — Styrbjörn Lindstrand, industrial
1695 — D. Maria de Jesus Rodrigues Ferreida
1696 — José António Bernardo, empregado no comércio
1697 — Joaquim Alfredo Guimarães, gravador
1698 — Padre Manuel Ruela Pombo
1699 — Luiz Pereira Leite, despachante oficial
1700 — Benjamim Gomes, industrial
1701 — Raul dos Santos Moreira, comerciante
1702 — José Moreira, empregado no comércio
1703 — José Maria Leal, comerciante
1704 — Raul Alves Mineiro, comerciante
1705 — Maximino Vautier, industrial
1706 — Carlos Lacombe, engenheiro
1707 — Castelino Pais, oficial do exército
1708 — Pilar da Conceição Lourenço, industrial.
1709 — António Calheiros Lopes, engenheiro
1710 — José de Almada Negreiros, pintor de arte

- 1711 — Fernando Moreira da Cruz, comerciante
1712 — Dr. João Mexia, engenheiro
1713 — António José Xaro Martins Nogueira, comerciante
1714 — José Bento Franco do Carmo, empregado de escritório
1715 — Mário Fiadeiro, comerciante
1716 — Gaudêncio Costa, industrial
1717 — Manuel Acúrcio Pereira, empregado no comércio
1718 — Joaquim Braz de Almeida, empregado no comércio
1719 — Mr. John De Stoop, industrial
1720 — Mr. De Raeymaeker, proprietário
1721 — Carlos Areias Caldeira, engenheiro
1722 — Manuel Gonçalves, industrial
1723 — René Touzet, construtor civil
1724 — Dr. António Augusto Curson, professor
1725 — Eduardo Colaço dos Anjos, comerciante
1726 — Luiz Pinheiro Ferreira da Conceição Simões, empregado bancário
1727 — Joaquim Ribeiro Cordeiro, construtor civil
1728 — José Gomes de Matos, agente comercial
1729 — José Marques Antunes, comerciante
1730 — Carlos Ramiro Fernandes, industrial
1731 — D. Manuel Osório de Aragão, proprietário
1732 — João Andrade Neves, industrial
1733 — Luiz Vaz, engenheiro
1734 — Dr. Bernardo Mendes de Almeida (conde de Caria), advogado
1735 — Álvaro de Oliveira, comerciante
1736 — Idalino António Nunes, ajudante de notário
1737 — José Alberto Ferreira, funcionário público
1738 — Mário Leonel de Sousa, desenhador-decorador
1739 — Dr. Fernando Alberto da Silva Amado, jornalista
1740 — Alfredo Viana, empregado no comércio
1741 — D. Ester da Conceição Peixoto Nunes, proprietária
1742 — Sebastião Martins Peres Gomes, oficial do exército
1743 — Henrique de Castro Lopes, jornalista
1744 — D. Lídia do Rosário Barroso, funcionária pública
1745 — Dr. Augusto César Torreira de Sousa, funcionário público
1746 — Dr. Paulo Campos, professor
1747 — Dr. Manuel António Moreira Júnior, médico
1748 — Mário Armando da Silva Franco, empregado de seguros
1749 — Dr. Raul de Oliveira Feijão, médico
1750 — Francisco Celso Damásio, comerciante
1751 — Arnaldo do Rosário Duarte, comerciante
1752 — Horácio Cunha Marques, empregado no comércio

- 1753 — António Oliveira, comerciante
1754 — Eugénio Marques de Almeida e Silva, comerciante
1755 — José do Nascimento Ribeiro, funcionário público
1756 — Alvaro Neto, comerciante
1757 — Henrique José de Almeida, comerciante
1758 — Leonel de Meneses Aguiar, empregado de escritório
1759 — João Reis, comerciante
1760 — José Adelino Espinho, desenhador
1761 — Ernani Roque, funcionário administrativo
1762 — Adolfo Jaime Sampaio Luz, guarda-livros
1763 — João Crisóstomo Teixeira, analista
1764 — Manuel Gualberto Pereira Capitão, empregado de seguros
1765 — Pompeu Justino dos Reis, lavrador
1766 — José Francisco Dionísio Pinto, empregado de escritório
1767 — Armando Ferreira Mesquita, barbeiro
1768 — Jaime Constantino Goucha, estudante
1769 — D. Irene Paiva Rodrigues
1770 — D. Elvira Lúcia Vallente Correia Serras Pereira, escritora
1771 — António Boavida Felix, guarda-livros
1772 — António Maria Pereira Júnior, industrial
1773 — D. Glória da Conceição Correia, professora
1774 — José Manuel de Oliveira, comerciante
1775 — Mário Costa, empregado bancário
1776 — Marcelino da Silva Brasiel, estudante
1777 — Francisco Cabral Moncada de Carvalho (Casal Ribeiro), empregado de escritório
1778 — António Perez Durão, engenheiro
1779 — António Diniz Lopes, guarda-livros
1780 — Augusto Casimiro de Freitas, empregado bancário
1781 — Douglas Brunton, professor
1782 — Kera Crowersoft, professora
1783 — Miguel Luiz da Silva, comerciante
1784 — José da Costa, engenheiro
1785 — Rui da Silva Ramos, funcionário público
1786 — Ruy de Jesus Ribeiro, despachante oficial
1787 — «Agência Hélice», de Alfredo Rodrigues dos Santos, comerciante
1788 — Artur Rodrigues Maia, construtor civil
1789 — Francisco Duarte, industrial
1790 — Agostinho Cabral, industrial
1791 — J. Gomes Monteiro, industrial
1792 — Dr. João Baptista Nunes dos Santos, médico

Resumo dos sócios aprovados em 1944

Advogados	5	Escritores	1
Agentes comerciais	2	Escultores	1
Ajudantes de farmácia	2	Estudantes	5
Ajudantes de notário	1	Firmas comerciais e industriais	8
Analistas	1	Funcionários administrativos ...	1
Barbeiros	1	» públicos	14
Chefes de oficina	1	Gravadores	1
Comerciantes	37	Guarda-livros	7
Construtores civis	3	Industriais	21
Contínuos	1	Jornalistas	3
Desenhadores	2	Juizes de Direito	1
Despachantes oficiais	3	Lavradores	1
Diplomatas	1	Médicos	3
Electricistas	1	Oficiais do Exército	2
Empregados bancários	10	Ourives	1
» no comércio	13	Párcos	1
» de escritório	8	Pintores de arte	3
» de seguros	3	Professores	6
Engenheiros	9	Proprietários	13

Resumo geral por profissões dos sócios do Grupo em 31 de Dezembro de 1944

Advogados	63	Banqueiros	6
Agentes comerciais	3	Barbeiros	1
Agentes de polícia	1	Bibliotecários	1
Agentes de publicidade	2	Calistas	1
Agentes técnicos de engenharia	2	Capitalistas	2
Ajudantes de desp. oficiais	1	Caricaturistas	1
Ajudantes de farmácia	5	Chefes de escritório	2
Ajudantes de notários	1	Chefes de laboratório	1
Analistas	1	Chefes de oficina	1
Arqueólogos	1	Chefes de Polícia	1
Arquitectos	16	Chefes de Repartição	2
Artistas teatrais	9	Chefes de Secretaria	1
Aspirantes de administrações	1	Comerciantes	229
Associações culturais	4	Condutores industriais	1

Condutores de Obras Públicas	1	Gerentes comerciais	1
Conservadores de Bibliotecas ...	2	Gravadores	2
Conservadores de Museus	1	Guarda-livros	17
Conservadores do Registo Pre- dial	1	Guardas da Polícia	1
Construtores Cívicos	7	Industriais	61
Contabilistas	8	Inspectores	3
Contínuos	1	Intérpretes	3
Carpinteiros	1	Jornalistas	53
Corretores oficiais	2	Juízes de Direito	6
Dactilógrafos	2	Jurisconsultos	1
Desembargadores	1	Linotipistas	2
Desenhadores	3	Lavradores	1
Despachantes oficiais	13	Livreiros	1
Diplomatas	12	Maçagistas	1
Editores	2	Maestros compositores	1
Electricistas	3	Mecânicos	3
Empregados bancários	77	Médicos	93
Empregados do Caminho de Ferro	4	Médicos veterinários	10
Empregados no Comércio	110	Mestres de alfaiates	3
Empregados de escritório	91	Ministros Evangélicos	1
Empregados da Ind. Hoteleira	1	Notários	6
Empregados judiciais	2	Oficiais do Exército	65
Empregados na Mar. Mercante	3	Oficiais da Marinha de Guerra	20
Empregados de Seguros	14	Oficiais da Marinha Mercante	2
Empresários teatrais	2	Operários	2
Encadernadores	2	Ourives	2
Enfermeiras	1	Párocos	7
Engenheiros	123	Parteiras	1
Escritores	8	Peritos de Seguros	1
Escriturários	1	Pintores de arte	16
Escultores	6	Professores	58
Estudantes	37	Proprietários	111
Farmacêuticos	14	Publicistas	10
Ferroviários	1	Realizadores cinematográficos	2
Firmas comerc. e industriais	32	Repórteres fotográficos	1
Fotógrafos	1	Revisores tipográficos	1
Funcionários administrativos ...	2	Sargentos da Marinha	1
Funcionários judiciais	1	Solicitadores	1
Funcionários públicos	125	Sub-directores de fábricas	1
		Técnicos fotográficos	1
		Tipógrafos	3
		Tradutores	1

CASA AFRICANA

Rua Augusta, 161 / Telef. 24264-65 P B X / **Lisboa**
R. Sá da Bandeira, 166 / Telef. 1361 P B X / **Pôrto**

Secção de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sêdas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrozaria, Luvaria, Perfumaria e todos os artigos para

HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS

Preços fixos e marcados em todos os artigos
ON PARLE FRANÇAIS ENGLISH SPOKEN

um bom livro, um bom jornal

só na

O
F
I
C
I
N
A
S

**EDITORIAL
IMPÉRIO**

LIMITADA

G
R
A
F
I
C
A
S

RUA DO SAULTRE, 151-155 — LISBOA
TELEFONE P. B. X. 53173/4



CHÁ CELESTE

preto e verde, uma delícia!

ESTORIL

COSTA DO SOL

a 23 quilómetros de Lisboa
 Excelente estrada marginal
 Rápido serviço de combóios eléctricos
 Clima excepcional durante todo o ano

Todos os desportos: Golf, (15 buracos), Ténis, Hipismo, Natação, Esgrima, Tiro, etc.

Estoril-Palácio-Hotel: Moderno e Elegante — Magnífica situação.

Hotel do Parque: Todo o conforto — Anexo às Termas.

Monte Estoril-Hotel: (antigo Hotel de Itália) completamente modernizado.

Estoril-Termas: Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico. Análises Clínicas — Gimnástica Médica — Maçagens.

Tamariz: Magníficas esplanadas sôbre o mar. Restaurant—Bar.

PISCINA de água tépida — SALA de ARMAS
 ESCOLA DE EQUITACÃO — STANDS DE TIRO

CASINO:

Aberto todo o ano
 Cinema — Concertos — Festas
 Dancing — Restaurante — Bars
 Jogos autorizados

Informações: — Soc. Propaganda da Costa do Sol — ESTORIL.

Selins e Selas

Chantily, Inglesa, Relvas, Meio Toureiro, completos ou em peças sôltas. Estribos em madeira, em ferro e em couro. Freios, barbelas e bridões. Selins de campo (tipo militar) em metal amarelo e cromado. Arreios em todos os géneros

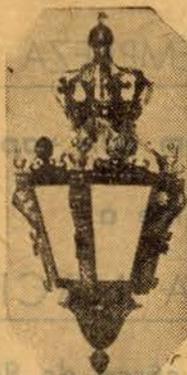
CASA EVARISTO

Campo de Santa Clara, 127
Telefone 24862 — LISBOA

Latoaria Maciel, L.^{da}

CASA CENTENÁRIA

PREMIADA EM VÁRIAS EXPOSIÇÕES



Completo sortido de louças para cozinha. Fabricante de lanternas de todos os estilos. Alambiques para destilações, banheiras, etc.

LANTERNAS

em

todos os estilos

Rua da Misericórdia, 63-65
— LISBOA —

Telef. 2 2451

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Em 1881, há 64 anos,

a EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

constituiu-se com dois vapores no total de 2.538 toneladas;

Em 1918, sucedeu-lhe a

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

que explora hoje cerca de 86 mil toneladas e

AO SERVIÇO DO IMPÉRIO

leva o nome de Lisboa a todos os mares do Mundo.



Fácil de preparar, de sabor agradável, é um excelente reconstituente altamente nutritivo e de notável digestibilidade, — O alimento ideal para colegiais, desportistas, jovens, mais enfraquecidos, débeis, convalescentes e pessoas idosas.

NESCAO

É UM PRODUCTO NESTLÉ

A marca que inspira confiança

A PORTUGUESA

DE

PEDRO & PIRES LTD.

Calçada do Combro, 38-D — LISBOA

TELEFONE 21228



EXECUÇÃO PERFEITA DE MOLDURAS

EXECUTAM-SE TRABALHOS DEBRUADOS EM TODAS AS CORES
COLOCAM-SE VIDROS DE TODAS AS QUALIDADES E TAMANHOS
LINDA VARIEDADE EM MOLDURAS CROMADAS PARA TODOS OS FORMATOS

A preços sem concorrência

Descontos especiais a todos os
"AMIGOS DE LISBOA"

LIVRARIA PORTUGÁLIA

75, Rua do Carmo — Telef. 2 0791
LISBOA

Livros nacionais e estrangeiros

Grandes sortidos das melhores edições inglesas e americanas, de

LITERATURA,
ESTUDO,
ARTE,
HISTORIA,
MEDICINA,
ECONOMIA,
DIREITO,
etc., etc.

Sempre as melhores novidades

COMPANHIA ALCOBIA

Fornecedores dos melhores
e mais lindos mobiliários

COMODAS DE ESTILO — PORCELANAS
DE SAXE — ESPELHOS DE VENEZA —
CANDEEIROS DE CRISTAL, DE FERRO
FORJADO E DE MADEIRA — TAPEÇARIAS —
MARQUISSETTES E VOILES SUÍÇOS — CARPETES DE LA



Companhia **ALCOBIA**

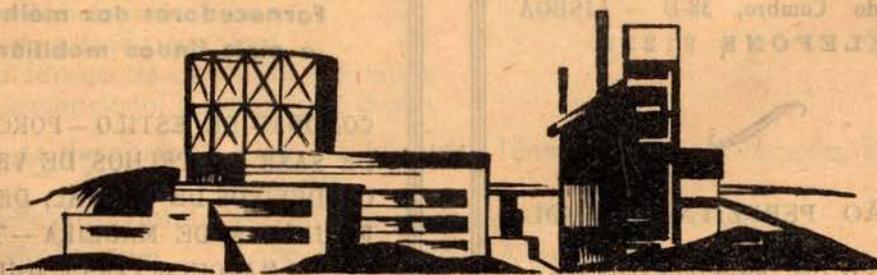
R. Ivens, 14 (esquina da R. Capêlo)

Telef. 2 6441

A NOVA FABRICA DE GÁS DA
MATINHA PRODUZ O DÔBRO
DO QUE PRODUZIA A AN-
TIGA FÁBRICA DE BELÉM

O GÁS

QUE DANTES SE CHAMAVA
«DE ILUMINAÇÃO», É HOJE O
COMBUSTÍVEL DOMÉSTICO
IDEAL, PELA SUA ENORME
COMODIDADE E ASSEIO



C.^{AS} R.^{AS} GÁS E ELECTRICIDADE

LISBOA — 1945

AGÊNCIA HÉLICE

DE
ALFREDO RODRIGUES
DOS SANTOS

COMÉRCIO
IMPORTAÇÃO
EXPORTAÇÃO

CORRETOR DE SEGUROS

REPRESENTAÇÕES NACIONAIS
E ESTRANGEIRAS

Agentes exclusivos da
BRITISH PAINTS, LTD.

Avenida da Liberdade, 69
Telefone 22119 — LISBOA

Livros de fôlhas sôltas
máquinas de somar
calcular e endereçar

TELEFONE 2 4986

Sociedade Equipamento de Escritório, Limitada

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 53, 1.º

Material em aço para
escritório, de fabrico
inteiramente nacional

AGOSTINHO CABRAL

PINTOR E DOURADOR

*Móveis dourados
Molduras douradas e enceradas
Pinturas e decorações em salas*

Rua da Rosa, 193 a 197

Telefone 20425

OS PRODUTOS DA :

Companhia Portuguesa de Tabacos

SÃO OS PREFERIDOS
PELO FUMADOR EXIGENTE

PICADOS: «Superior», «Francês»,
«Virgínia», «Duque», «Holandês» e
«Águia»

CHARUTOS: «Irene» e «Argonautas»

Cigarrilhas Gamas, Avis, Diana, Legionários,
Delta, Eureka, Menta, Lusos, Pro-
visórios, Sporting, Navalistas, Ele-
gantes, Turquesas, Tip-Top, Ta-
gus, Sereias, Luxo, Sado. Argus, Ases, Sagres,
Chic, Lisboa P. Peitoral.

SÃO MARCAS DA

Companhia Portuguesa de Tabacos

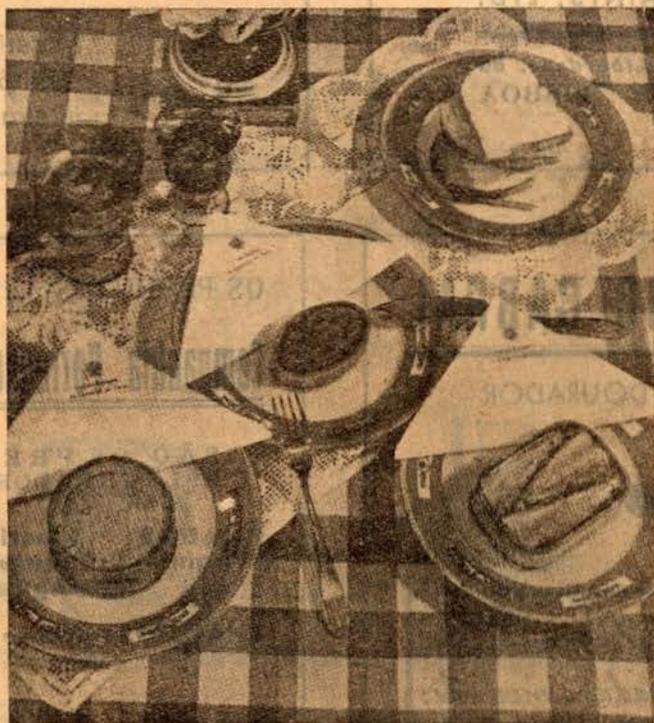
Arrendatária das Fábricas
e marcas de Tabacos do Estado

A tôdas as horas, a tôdas as refeições,
as conservas de peixe

«SARDINHAS»

«ATUM»

«ANCHÔVAS»



têm o seu lugar marcado
pelo seu sabor,
pela sua qualidade.

Os «Amigos de

IN



Uma Companhia de Seguros que honra Lisboa

todo ligráfico

nto de Mesquita

ublado em 1943 na Escola
nercial de Veiga Beirão

om as medalhas de Prata e
Exposições do Rio de Janeiro
2 (Únicas a que concorreu)

air a 6.^a edição, correcta e
O mais completo de todos os
n volume brochado com 110
modelos 15\$00.

a tódas as livrarias. Pedidos à

panode Sousa Barbosa Lda.

a da Palma, 147 — Lisboa

Bertranda (Irmãos), L.

Fotogravura
Tipografia
Fotólito
Desenho

T. Condessa do Rio, 27—Telef. 2 1368-2 1227

Leilões de livros

Procure, para venda dos seus livros, a única forma de os colocar bem.

ARNALDO HENRIQUES DE OLIVEIRA

Já fez 113 leilões

L. do Calbariz, 14
Telef. 28477



CASA dos PANOS

A PRIMEIRA CASA DA ESPECIALIDADE

Sortimento completo em panos brancos e de cor e em linhos de tôdas as larguras

15, R. DOSFANQUEIROS, 49
(à esquina da Rua de S. Julião)

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

SERVICO DE CARGA E PASSAGEIROS

Funchal, S. Tomé, Sazaire, Luanda, Pôrto Amboim, Lobito, Mossamedes, Lourenço Marques, Beira e Moçambique, e para mais portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeitos à baldeação em Luanda e Lourenço Marques.

LINHA RÁPIDA DA COSTA OCIDENTAL

SAÍDAS MENSIS REGULARES, COM ESCALA POR:

Príncipe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Pôrto Amboim, Novo Redondo, Lobito e Benguela, e demais portos da Costa Ocidental, sujeito a baldeação em Luanda.

LINHA DA GUINÉ

SAÍDAS MENSIS REGULARES, COM ESCALA POR:

S. Vicente, Praia, Bissau

FR

VAPORES DE PASSAGEIROS:

- «Serpa Pinto» . . . 8.267 ton.
- «Mousinho» . . . 8.374 »
- «Colonial» 8.309 »
- «João Belo» 7.540 »
- «Guiné» 3.200 »

ESCRITÓRIO

LISBOA

Rua do Instituto Vergílio Machado, 14
(à Rua da Alfândega)
Telefone 2 0052

Alberto Alves Natário

Encadernações simples e de luxo

Vivenda Yolanda
Bairro da Mina
AMADORA



Ourivesaria da Guia

FUNDADA EM 1875

JÓIAS — OURO — PRATAS — RELÓGIOS

Rua Martim Moniz, 2-10 | Telefone 28336

Rua da Mouraria, 7-11 LISBOA

TE»
GUESA
TO
— LISBOA
L

LISBOA

Prata

a todos
isboa»

is, Meda-
com retr-
os
matos